

ILUSTRAÇÃO

N.º 248 — 11.º ano



UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre todos os ramos profissionais e artísticos a quem queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Trabalhos e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . **Esc. 30\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A LIVRARIA BERTRAND, EDITOU:

POLÍTICA

PELO DR. RIBEIRO LOPES

Prefácio do Prof. MANUEL RODRIGUES

1 vol. com 216 págs., broch. . . . Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
l'ni unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

PRODUTOS



Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M. me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rospôr, Oly, Rodal, Mystik**, etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

Em 3 Dias, Uma Pele Nova,
Macia, Branca,
Aveludada



Os Poros Dilatados, os Pontos Negros e as Grosseiras Escamas da Pele Desaparecem — Experimente esta

Receita dum Especialista

Milhares de senhoras têm os poros dilatados e ignoram-no. Todo o poro dilatado é devido a uma irritação. Pode desembaraçar-se da irritação dos poros da pele, mas não evita que corpos estranhos se acumulem neles e daí resultem os horrendos pontos negros, borbulhas, impingens, cores pálidas e terrosas e uma pele grosseira e seca. O Crème Tokalon, Cór Branca (não gorduroso) contém presentemente uma nova cera extraída das flores e combinada com o creme fresco e azeite predigeridos. Tónico, adstringente e alimenticio, penetrando rapidamente, acalma a irritação das glândulas cutâneas, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal maneira

que desaparecem, aclara e amacia a pele mais escura e áspera. Mantém a epiderme mais seca numa ténue humidade, mas isenta de gordura. Serve também para desvanecer o brilho duma pele oleosa ou o dum nariz luzidio.

O Crème Tokalon, còr branca, torna, em 3 dias, a pele duma beleza e dum frescor indiscutíveis, e isto duma maneira impossível de obter de outro modo. Dever-se-ia empregar-lo todas as manhãs. Se tem rugas e os miús ulos do rosto flocidos, deveria empregar também o Crème Tokalon, alimento para a pele, (Còr de rosa) à noite, antes de se deitar — alimenta e rejuvenesce a sua pele, durante o sono.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.



Porquê?

Não ha razão para suportar resignadamente essa terrivel dôr de dentes! Com um ou dois comprimidos de Cafiaspirina verá que pronto alivio. E nenhum mal fará ao seu organismo.

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 pags. Esc. 12\$00; pelo correio à cobrança Esc. 13\$50

Pedidos aos Editores LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR CARLOS MALHEIRO DIAS

ÍNDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho —
Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire —
Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado . . . 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dór — Dr. Mendes «Gira» — Feira de
Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em-
bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 pags., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOCTRINA

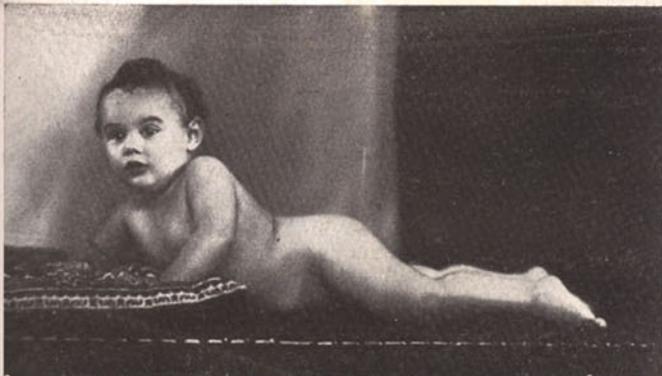
Pelo Prof. SOBRAL CID

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do Prof. Azevedo Neves

1 vol. de 238 pág., formato 23 × 15, broc. Esc. 25\$00 = Pelo correio à cobrança Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



CONFIANÇA

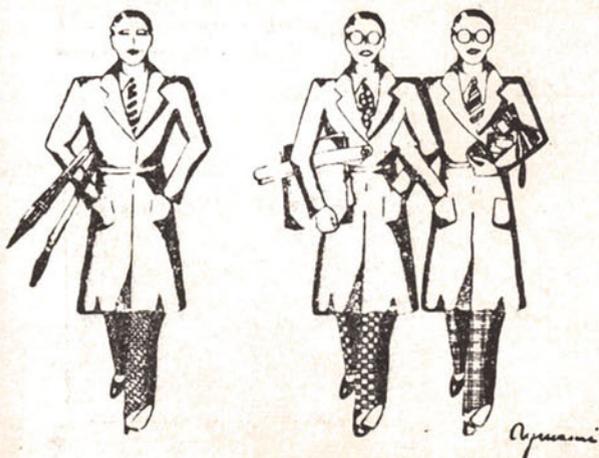
Só a pode merecer um produto de comprovado valor

FARINHA LACTEA

NESTLÉ

GRAVADORES

IMPRESSORES



BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TELEFONE
21368

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

SOCIEDADE "ESTORIL"

CAMINHO DE FERRO DE CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

AVISO AO PÚBLICO

Bilhetes especiais a preços reduzidos em combinação com a Sociedade Estoril-Plage

A partir de 1 de Abril de 1936, vender-se-ão bilhetes a preços reduzidos, dando direito a:

1.º — Transporte pelo Caminho de Ferro, em 2.ª classe, entre as estações de Cais do Sodré e Estoril e vice-versa; transporte em automóvel desta estação ao Casino do Estoril e vice-versa; entrada no Casino; despesa no Casino (até à concorrência de 2\$50).

2.º — O mesmo e mais transporte de automóvel em Lisboa (até à concorrência de 3\$50).

PREÇOS

- 1.º — Sem serviço de automóvel em Lisboa . . 12\$50
- 2.º — Com serviço de automóvel em Lisboa . . 15\$00

OBSERVAÇÕES

- a) — Os bilhetes sem serviço de automóvel em Lisboa são vendidos na estação de Cais do Sodré.
- b) — Os bilhetes com serviço de automóvel em Lisboa vendem-se na estação de Cais do Sodré e nos seguintes locais: Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, Avenida Visconde Valmôr, 70 a 76 (Telef. 4 6141) e na sua sucursal atrás da estação do Rossio; Tabacaria Chave de Ouro, Rossio; Café-Restaurant A Cubana, Avenida da República, 37-A (Telef. 4 0013); Pastelaria Bijou de l'Avenue, Avenida da Liberdade, 84-88 (Telef. 2 3339); Bijou de l'Avenue, sucursal na Avenida da Liberdade, 87-89 (Telef. 2 3330); Pastelaria Rex, Rua da Palma, 128-130 (Telef. 2 8804); Pastelaria Luso-Americana, Avenida Almirante Reis, 146-A (Telef. 4 7765); Tabacaria Abadia, nos Restauradores, Palácio Foz e Turismo de Portugal, Ltd.ª, Rua de S. Nicolau, 82, r/c. (Telef. 2 8402).
- c) — Quando haja no Casino festas extraordinárias, em que o custo da entrada seja superior a 5\$00, o possuidor do bilhete especial terá de pagar o excesso sobre essa importância.

Condições do transporte em Caminho de Ferro

- 1.ª — Os passageiros têm a faculdade de poder viajar em 1.ª classe desde que paguem a diferença entre os preços dos bilhetes de 1.ª e 2.ª classes sem redução, em relação à Tarifa Especial n.º 1 de G. V.
- 2.ª — Em tudo mais vigoram as condições da Tarifa Especial n.º 1 de G. V.

Lisboa, 25 de Março de 1936.

B. 125

Exploração - Serviço de Tráfego

O ENGENHEIRO-DIRECTOR

M. Bello

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEIOS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074



Os telefones e os "icebergs"

Com os serviços telefonicos succede o mesmo que com os "ICEBERGS". A parte que não se vê, é muito superior à parte visível.



Edifícios próprios para Estações Centrais



Centenas de empregadas telefonistas e de todas as categorias

O pequeno aparelho que V. Ex.^a possui em cima da mesa de trabalho, ou em sua casa, está em contacto com uma vastíssima rede que compreende: milhares de kilometros de cabos subterrâneos, milhões de kilometros de postes, milhões de isoladores, centenas de empregados e empregadas trabalham dia e noite para o vosso serviço, grandes edificios proprios encerram milhares de contos de reis em aparelhagem delicada e sensível, que vai sendo sempre aperfeiçoada. Nada disto se vê... e contudo existe. Medite-se um pouco e chegar-se-ha a conclusão que



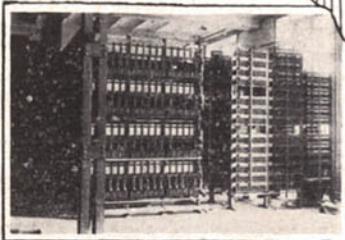
Caixas e cabos subterrâneos com milhares de quilómetros



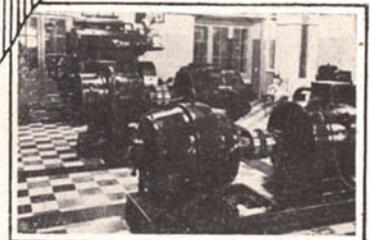
Milhares de postes por toda a parte

O TELEFONE É DE GRAÇA

pelos serviços que presta !!



Aparelhagem delicadíssima avaliada em milhares de libras



Motores, Dinâmos, Transformadores, etc.

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.^o L.^{TD.}

Rua Nova da Trindade, 43
LISBOA

Rua da Picaria, 5
PORTO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Atitude da Turquia ao pedir no Conselho da S. D. N. que lhe seja reconhecido o direito de re-fortificar os Dardanelos tem o seu quê de anacrónico que a torna a nota mais encantadora da política internacional nos últimos tempos.

Com todo o respeito que essa atitude nos merece, faz-nos pensar em Dom Quixote enlevado na prática das virtudes da cavalaria em manifesto desacôrdo com os usos da sua época.

Porque o gesto do governo de Angora é, sem duvida, nobre e digno. A sua reivindicação é legítima e atendível. Mas numa época em que os Tratados caem uns após outros impunemente violados, em que a política do facto consumado se consagra dia a dia com retumbantes exemplos, o recurso às vias legais assume um carácter cavalheiresco e raro.

Que se apele para a lei quando há a certeza de poder satisfazer-se por suas próprias mãos, eis o que nos parece digno de todo o elogio. É com isso a Turquia marca uma posição cheia de dignidade.

Do sistema de segurança contraposto pelo governo francês ao programa de paz apresentado por Hitler, faz parte a criação duma força internacional ao serviço da S. D. N., destinada a assegurar o respeito pelos Tratados e a castigar os eventuais agressores.

Raras serão as pessoas que ainda creiam possível a realização dessa utopia. Mas especulando com a abstracção «Le Matin» fazia há dias esta sensata pergunta:

— E no caso de as forças da S. D. N. virem a ser derrotadas?

A hipótese é perfeitamente atendível. Um Exército, uma marinha e uma Aviação internacionais estariam sempre em inferioridade perante o inimigo, pois faltar-lhe-ia a animá-los, na luta, uma mística patriótica. A menos que se conseguisse imprimir a cada um dos seus elementos uma mentalidade genebrina, o que não se afigura possível.

A pergunta do «Matin» têm pois inteira razão de ser. E é no final um dos muitos aspectos absurdos da velha ilusão de Briand.

Uma estatística prudente avaliava há tempo em sete biliões de libras o montante dos capitais ingleses investidos na Alemanha. Este facto explica, para muitos observadores maliciosos, alguns aspectos dominantes no actual momento europeu.

Não se usa de severidade para com um devedor enquanto não se perdeu por completo a esperança de reaver o dinheiro emprestado. Qualquer alfaiate faz diariamente a aplicação deste princípio mercantil quando propõe a um cliente fazer-lhe um fato com mira em receber as prestações em atraso do anterior.

Por isso, Lucien Romier perguntava há dias em editorial do «Fígaro»:

CRÓNICA DA QUINZENA

«Quem foi que falou aí em aplicar sanções financeiras à Alemanha?»

O escritor suiço Robert de Traz publicou ha tempo um admirável ensaio histórico intitulado «De l'Alliance des Rois à la Ligue des Peuples». O autor traça nesta obra o paralelo entre a Santa-Aliança e a S. D. N. e tira das analogias saborosos comentários.

Há no livro de Robert de Traz frases que não hesitamos em classificar de lapidares e que transcrevemos para aqueles que ainda não conhecem o livro:

«Para o inglês a guerra é sempre mais ou menos colonial...»

«Geograficamente colocada á margem do continente, a Inglaterra não pode admitir que elle realice a sua unanimidade sem ella, porque sabe que esta se faria contra ella.»

«A hipocrisia inglesa tal como ella é por vezes imaginada no continente, não é mais do que a coexistência de dois sentimentos legítimos e igualmente sinceros.»

Falando dos Estados totalitários, o escritor diz-nos:

«O homem consente em sofrer na sua vida privada porque é exaltado na sua vida official. Ao passo que na democracia a existência do Estado é comprometida ou humilhada em proveito das existências particulares.»

Num momento em que a Europa se encontra mais dividida do que nunca, esboçam-se pelo Mundo fora interessantes fenómenos de aglutinação em torno de certos objectivos. Os povos procuram aumentar a sua segurança pela união.

Assim, o Irak acaba de assinar com a Arábia saudista um pacto que fica aberto á adesão dos outros Estados muçulmanos. É sem dúvida, a primeira base prática, do tão falado movimento Pan-Arabe.

Por outro lado, o presidente Roosevelt projecta uma conferência Pan-Americana, que é consequência lógica da sua política exterior, em especial no que se refere á Lei da Neutralidade.

Dado que é impossível por agora a realização da Pan-Europa preconizada por tantos idealistas,

porque não se pensa a sério em realizar em bases positivas a ideia da Pan-Latinidade?

A Suécia inteira segue com apaixonado interesse o romance amoroso do seu príncipe Bertil, neto do rei Gustavo e filho do príncipe herdeiro Gustavo Adolfo.

A história tem sabor e conta-se em poucas palavras. Ha tempo o príncipe conheceu uma encantadora rapariga, Margarida Brambeck, filha dum capitão do exército sueco. Os dois jovens não tardaram em reconhecer grandes afinidades nos seus gostos e maneiras de pensar e, como quasi sempre succede nestes casos, apaixonaram-se mutuamente.

A familia real da Suécia mantem tradições democráticas que não encontram paralelo em nenhuma outra casa reinante da Europa. Os casamentos morganáticos são numerosos entre os seus membros. E isto animou o príncipe a pedir autorização ao pai para se casar.

Este mostrou-se, porém, insensível á novela amorosa e recusou o seu consentimento. Bertil não desanimou e recorreu para o avô, sabedor por experiência que encontraria ali maior benevolência.

Não se enganou. O rei Gustavo deu a sua autorização. Mas impôs uma condição e todos os que já amaram saberão compreender quanto ella foi dura para um coração apaixonado. Exigiu que durante dois anos os futuros noivos não se vissem. Se o amor sobreviesse a essa separação consentiria o casamento.

Dito isto, nomeou o príncipe Bertil adido militar em Paris. A escolha da cidade do luxo e do prazer não foi evidentemente casual. O bondoso e sábio rei Gustavo quis que a prova a que ia sujeitar o neto tivesse todo o seu valor. Expondo-o á tentação que a capital francesa representa para um príncipe, tiraria a prova real da constância do sentimento afirmado. Quanto a Margarida continuou em Estocolmo a trabalhar na casa de modas onde é empregada.

Pois o periodo de dois anos acaba de terminar. O príncipe Bertil mostrou-se digno duma novela romântica, renovando o seu pedido. E agora espera-se a realização da cerimónia que porá na história um feliz ponto final.

O conflito italo-etíope aproxima-se do seu desfecho. Não evidentemente aquele desfecho que a intervenção de Genebra pressupunha, isto é, a aplicação rígida da lei internacional. Mas sim o que resulta naturalmente da nítida diferença entre as forças adversárias. A derrota do Negus parece ser já um facto consumado e o avanço dos italianos sobre Adis-Abeba segue em ritmo crescente.

Á menos que a Inglaterra abandonando as vias de Genebra, retome as tradições dessa política do caminho da india, que determinou o incidente de: Fachoda e tantos outros...

M. R.



Sigfredo ante Brunilda adormecida entre as chamas

Sigfredo é o fruto dos amores de Siegmundo e de Siglinda, e é a ele que está confiada a missão de libertar do seu rochedo a pobre Brunilda, adormecida pelo pai, Wotan, no meio das chamas. Sigfredo foi recolhido, educado e acarinhado pelo horrível anão Mime, que pretende utilizar-lhe o valor para arrebatá-lo ao gigante Fafner o anel mágico que dá o poder e a fortuna ao seu possuidor. Sigfredo matará o dragão do qual Fafner tomou a fama.

O segundo acto representa a floresta onde se esconde Fafner. Sigfredo chega, seguido de Mime; atravessa com a sua espada a garganta do dragão, e apodera-se do anel. Este

feito dá-lhe a faculdade de compreender o canto das aves. Uma delas canta-lhe ao ouvido, e faz-lhe conhecer o segredo de Mime, e o retiro de Brunilda. Sigfredo, dum golpe de espada, estende Mime a seus pés, e segue o pássaro condutor.

No terceiro acto, Sigfredo chega ao rochedo, onde encontra Brunilda adormecida. Apesar

de Wotan, que quer detê-lo, consegue chegar junto dela; afastando as chamas, desperta-a, faz-se conhecer, e a profecia indicada na Walkiria realiza-se. Na mitologia escandinava, Sigfredo toma o nome de Sigurd, e era uma das principais personagens das tradições do Edda e da Volkungasaga. Educado na Dinamarca, na corte do rei Hjelprek, recebeu deste soberano o cavalo Grano que corria



Wagner

O CREPUSCULO DAS LENDAS

Sigfredo era francês de raça

Wagner, ao criar a Tetralogia

mais veloz que o vento. O ferreiro Regen ofereceu-lhe a espada Gram que o tornava invencível, e incitou-o a matar o terrível Fafner que, transformado em dragão, guardava um tesouro. Morto Fafner, o valoroso Sigurd mandou assar-lhe o coração, e, comendo-o, tornou-se capaz de compreender a linguagem dos pássaros que lhe disseram o perigo que o ameaçava, pois Regen, na ânsia de se apoderar do tesouro, tentava matá-lo à traição. Sigurd não esteve com medidas. Foi-se à procura do pérfido, degolou-o, e tornou-se senhor de todas as riquezas guardadas pelo dragão.

Partiu depois para o castelo onde a Walkiria Brunilda se encontrava sob a acção de um sono mágico, e despertou-a, prometendo-lhe casamento. Visitou, em seguida, o rei Gjuki, cativando logo as simpatias da rainha Grunilda que o quiz para genro. Como o herói estava noivo de Brunilda, a soberana ministrou-lhe uma beberagem que lhe fez esquecer a promessa feita, realizando-se, a breve trecho, o casamento de Sigurd com a princesa Gudrun, filha de Gjuki.

Este engano levou os filhos do rei a assassinar o herói, acabando Brunilda por acabar com os seus dias na própria fogueira em que o cadáver do seu esposo estava sendo cremado. Surgem, agora, os investigadores que pretendem esclarecer a verdade do mito germânico ou escandinavo.

Sigfredo, o herói do poema germânico dos Nibelungos, era francês!

francês de raça

pensou apenas em fazer arte

Filho do rei Segismundo da Neerlandia, herdou-lhe o trono e foi um grande soberano.

Diz-se que, tendo ouvido falar da grande beleza da princesa Cremilda, irmã de Gunter, rei dos borgonheses, solicitou autorização paterna para ir à conquista da dama dos seus sonhos. Partiu a caminho de Worms, onde o rei Gunter tinha a sua corte, obtendo ali um carinhoso acolhimento. Para maior felicidade, a princesa Cremilda apaixonou-se pelo bravo Sigfredo que apenas aguardava o necessário consentimento do rei Gunter. Este desejava, por sua vez, a mão de Brunilda, rainha das Walkírias, tão formosa como cruel, que, segundo os conhecimentos geográficos desse tempo, vivia "do outro lado do mar". Para alcançar as suas boas graças de esposa, teria o pretendente de a vencer em três tremendas provas de torneio. Todos os candidatos que se afoitaram a enfrentar a terrível batalhadora, tomaram miseravelmente. Dir-se-ia que a formidável Belona se encarnara naquela mulher. Suspirava Gunter os seus receios, quando Sigfredo o alentou, prometendo ajudá-lo eficazmente. Mas como seria isso possível se ninguém conseguira ainda vencê-la?

Sigfredo explicou então que possuía uma lança mágica, cujos golpes eram infalíveis, e um capacete que o tornava invisível aos olhos mortais.

Em face de tão precioso auxílio, Gunter atira o cartel a Brunilda, e entra na liça com toda a confiança, acompanhado por Sigfredo que ninguém vê. A rainha luta arduamente, mas sente-se atingida por golpes que não sabe donde partem, e tem de atribuir a Gunter que é o único que vê. Declarando-se vencida, consente em ser esposa do rei dos borgonheses. Como recompensa do auxílio prestado, Gunter concede a Sigfredo a mão de sua irmã Cremilda.

Mas a caprichosa Brunilda, ao aperceber-se da formosura de Sigfredo, pretende atraí-lo com meiguice, e evitar que ele se case com a cunhada. Se tivesse visto Sigfredo antes do combate, ter-se-ia rendido antes de tentar a prova. Sigfredo despreza-a com dignidade, e segue para o seu país com a encantadora Cremilda

Brunilda e Sigfredo

que sempre povoou os seus mais gratos sonhos.

Dez anos depois, sendo já o rei dos Países Baixos, Sigfredo vivia feliz junto da esposa, quando foi convidado pelo rei Gunter a assistir a umas festas solenes que se realizavam em Worms. O ingenuo soberano acede sem suspeitar das tristes consequências que o despeito da vingativa Brunilda lhe poderia acarretar. Entra na corte com todo o esplendor, e mais uma vez o seio da caprichosa soberana arfa maldosamente pelo impulso do seu amor próprio ferido.

Dias depois, Sigfredo era assassinado pelos sicários a soldo da rainha Brunilda. Sobre o cadáver do herói, a inconsolável viúva chorou, dias e dias, a sua soledade. O rei Gunter, na intenção de a confortar, ofereceu-lhe o tesouro dos Nibelungos, de que era guardião zeloso. A desventurada viúva de Sigfredo, na ânsia de vingar-se, fez distribuir grande parte dessas riquezas pelos pobres, que logo a rodearam com a sua dedicação. Brunilda, ao aperceber-se de que a viúva estava criando, com o seu gesto generoso, um grande partido, arrancou-lhe o resto do tesouro que fez atirar ao fundo do Reno. Existe uma velha crença de que essa imensa fortuna ainda lá deve estar, aguardando o audacioso mergulhador que se decida ir à sua procura.

Não pretendemos seguir a história de Cremilda e sua família, história em que intervêm mais tarde o famoso Átila que foi o vingador de Sigfredo. O que nos interessa, neste momento, é demonstrar que, tratando-se de uma lenda alemã, e considerando-a os alemães como uma joia da sua literatura, o herói simpático,

o atraente Sigfredo não é alemão, mas francês!

Em boa verdade, seja qual fôr o elemento fantástico, a época da acção decorre na segunda metade do século IV e primeiros anos do século V. Nessa época, a Neerlandia, ou seja a actual Holanda, era um país franco, ocupado pelos francos, que o invadiram nos fins da 3.ª centuria.

O rei Segismundo era, portanto, um rei franco sem mistura. Sigfredo, seu filho, não podia, consequentemente, deixar de ser franco também, embora os alemães o considerem como seu.

Em boa verdade, não faz sentido que a mocidade alemã se enleve na grandeza desse herói lendário que poderia ter conseguido triunfar sempre através das maiores dificuldades, mas que não era alemão, nem coisa que se parecesse.

O que resta fazer agora, a bem da depuração dessa raça orgulhosa?

A nosso vêr, Sigfredo deve ser banido da mitologia germânica, e esquecida a epopeia wagneriana em todos os territórios do Reich...

POUCAS recordações pessoais conservo da alta personalidade de Henry de Jouvenel, estadista francês recentemente falecido. Conheci-o só em fins de 1932, nas vésperas da subida de Hitler ao poder, quando passei em Paris, onde fôra enviado especialmente pelo meu jornal afim de esclarecer diversas questões da actualidade naquele momento na política internacional, entre as quais as relações franco-italianas particularmente interessantes para a Áustria, e então muito tensas. Com efeito, foi nessa ocasião que o Quai d'Orsay decidiu nomear embaixador extraordinário em Roma, por um prazo fixo de seis meses, o senador Henry de Jouvenel, e creio ter sido o primeiro correspondente da Imprensa estrangeira a obter uma entrevista sobre esse assunto da parte do novo embaixador, a qual pude publicar em 14 de Janeiro de 1933, poucos dias depois da sua nomeação.

Posso mesmo orgulhar-me de ter previsto nessa ocasião, em comentário às suas declarações, que ele realizaria, pelos seus esforços particulares e a sua maneira pessoal de proceder, a aproximação franco-italiana; e, como se sabe, ele foi na verdade não só o iniciador do «Pacto dos Quatro» — que se até agora, não passou do papel, pode contudo vir a ter utilidade no futuro como sucedâneo do Tratado de Locarno — como também aproveitou a sua estadia para estreitar definitivamente as relações entre as duas grandes nações latinas. É agora que se vê o êxito da sua obra, de que a Itália se pode felicitar na sua situação actual, que lhe seria muito mais embaraçosa sem os laços que lhe foram estabelecidos pelos cuidados de Henry de Jouvenel com a nação vizinha. E é o próprio Mussolini que, reconhecendo este facto, nunca deixa de falar dêsse francês com a mais profunda admiração.

Fiquei desde então em relações de amizade com a família de Henry de Jouvenel, um filho do qual se tornou meu camarada na Imprensa e amigo particularmente querido. Foi este que me mostrou em certa ocasião o manuscrito das «Máximas políticas». Li-o, como é natural com o maior interesse. E pedi em seguida ao autor para me reservar os direitos de tradução e reprodução. Henry de Jouvenel acedeu ao meu desejo, mas só depois da sua morte me utilizei dessa concessão. Por esta razão, mesmo em França estas «Máximas» ficaram inéditas, e é-me possível oferecer hoje aos leitores da «Ilustração», as primícias dêsstes seus pensamentos.

Quanto à vida pública do falecido é ela bem conhecida. Com a idade de 45 anos, foi eleito senador por Correze. No ano seguinte, 1922 foi ministro da Instrução Pública no Governo Poincaré. Em 1925, succedeu a Sarrail no cargo de governador da Síria. Se não contarmos que fez parte, como ministro das Colónias, dum gabinete Doladier que durou apenas dois dias, pode considerar-se a sua carreira como terminada com a Embaixada junto do Quirinal.

Literato, exerceu o cargo de chefe de redacção do «Matin» e foi ele quem, num artigo «de fundo», lançou ao tempo a ideia de se honrar a memória do «Soldado Desconhecido». Tendo servido os Mortos, fundou e dirigiu depois a «Revue des Vivants».

As suas obras mais notáveis são «A vida tempestuosa de Mirabeau», «Economia dirigida», «A paz francesa» e «Oitocentos anos de revolução francesa». Deve reconhecer-se que este homem excepcional se ocupava de todos os assuntos literários. Por outro lado, após o assassinio de Barthou foi presidente da Associação dos Jornalistas Parisienses, assim como da Casa dos Jornalistas em Paris. Casado várias vezes, foi também esposo da grande romancista Colette.

W. M. Ullmann — Viena

A vida económica moderna encontra-se por tóda a parte limitada pelas fronteiras das nacionalidades e o nosso tempo não conseguirá solucionar nenhum dos problemas com que tem de defrontar-se, se não se submeter decididamente ao dever da colaboração internacional.

Nada há de mais insensato em política externa do que as declarações de amor. As afirmações de ódio não têm, ao fim e ao cabo, força nem duração maior. Os povos esquecem tão depressa! Desmoronam-se alianças, o torvelinho das paixões dá voltas; a história está cheia de reconciliações e imprevistas mutações de cena.

MÁXIMAS POLÍTICAS

DE HENRY DE JOUVENEL

Em lugar de limitarmos a nossa política ao velho quadro europeu, dentro do qual cada um só pensa — quer seja com simpatia ou com ódio — no seu vizinho



Henry de Jouvenel

mais próximo, deveríamos reconhecer no futuro que o espaço em que até agora se desenvolveu a nossa história, não póde já encerrar a humanidade moderna.

A religião é um poder internacional que o espírito laico têm de respeitar, pelo menos por esse facto.

A burguesia intelectual que succedeu, na qualidade de classe dirigente, à aristocracia, vê que por trás dela surge uma nova classe que está mais sôb a influencia da fábrica que da escola, e em que surtem maior efeito os problemas económicos do que políticos. O importante é não a obrigar a fazer uma revolução para alcançar o seu lugar ao sol.

Não eduquemos os nossos filhos na crença de que para além das nossas fronteiras começa uma floresta virgem.

Se um francês entra para uma associação profissional não o faz para defender os seus interesses materiais, mas para defender as aspirações comuns dos homens.

Quando luta não se bate pelo seu país, mas por uma questão de princípios. O estrangeiro têm inteira razão em considerar essa atitude dos franceses como um engano feito a si próprios. Seja como fôr, o nosso carácter nacional é assim.

O texto, a letra da Lei não é tudo. A arte de aplicá-la, quer dizer, de ajustar a rigidez da lei à mobilidade tão solta e flexível da vida, é precisamente o que reforça de modo especial as forças da Sociedade.

As rixas políticas trazem sempre consigo o inconveniente de criar mártires. E os mártires têm o inconveniente de ter direito a reparações. O problema das reparações é sempre extremamente difícil de resolver.

Quanta surpresa nos proporciona o observar como os povos estão pouco sujeitos a influencias reciprocas! São inúteis os esforços para os aproximar por meio do telegrafo, do telefone, do Caminho de Ferro e da Imprensa. Cada povo conserva a sua fisionomia própria, entusiasma-se em política com idéas do alcance local, sem se preocupar sequer com o que o vizinho pensa ou faz.

O segredo da arte da política consiste, hoje em dia, em renunciar à arte dos segredos.

A maior invenção de Marx e dos escritores marxistas foi terem criado uma mística do egoísmo, humanizando com isso o sentimento religioso nos homens, por terem trazido novamente para a Terra a esperança, cuja realização foi posta pela religião para depois da morte, substituindo assim, ao sonho da vida futura, o do Estado futuro, cuja realização parecia mais próxima.

A fôrça do sistema parlamentar não se baseia tanto nas lutas que se levam a cabo no interior dos Parlamentos, como se exterioriza mais forte ainda por meio da influencia que o Parlamento exerce sobre a vida exterior, a vida cotidiana do país.

Henry de Jouvenel.

O 14.º ANIVERSARIO DUM GRANDE FEITO

A partida de Gago Coutinho e Sacadura Cabral

para o seu glorioso "raid" ao Brasil

foi solenemente comemorada no Centro de Aviação Naval do Bom Sucesso

Fez no dia 31 do mês findo 14 anos que Gago Coutinho e Sacadura Cabral largaram vôo do Bom Sucesso, no hidro-avião «Lusitânia», a caminho do Brasil. A histórica data foi comemorada este ano com o merecido relevo, tendo-se realizado uma cerimónia evocativa no Centro de Aviação

Santa Cruz, em que os aviadores chegaram ao Rio, um aparelho do tipo do primeiro hidro-avião português, uma interessante e perfeita «maquette» do Centro do Bom Sucesso e retratos de Gago Coutinho e Sacadura



O sr. comandante Ortins de Bettencourt lendo o seu discurso

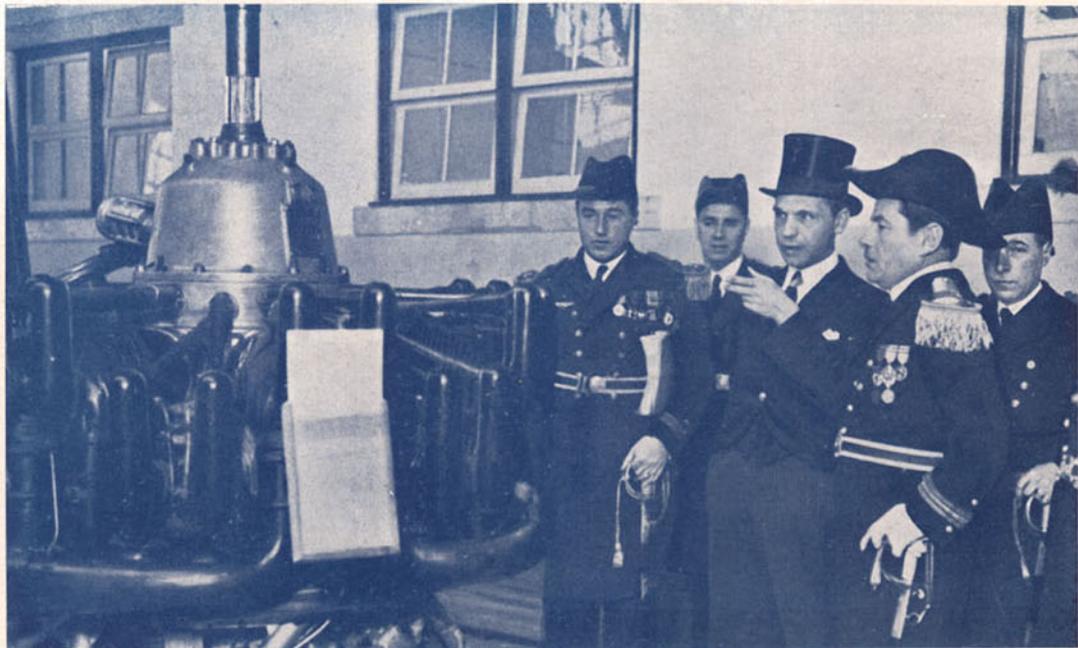


Cabral, envoltos em bandeiras. Falou em primeiro lugar o sr. comandante José Cabral que fez a evocação do feito dos heróis aviadores portugueses.

O sr. ministro da Marinha proferiu depois um discurso em que cotejou o «raid» de Gago Coutinho e Sacadura Cabral com a viagem de Pedro Álvares Cabral, mais de quatro séculos antes.

No final os assistentes prestaram continência aos dois heróis. Seguiu-se uma demorada visita às instalações do Centro e por fim foi servido no edifício do comando um «Porto de Honra» em que se trocaram afectuosos brindes.

O ministro com a oficialidade junto do avião «Santa Cruz»



ção Naval, ponto da partida da gloriosa viagem.

Teve a iniciativa dessa comemoração o ministro da Marinha, sr. comandante Ortins de Bettencourt, que um ano antes do «raid» acompanhou os dois heróis no vôo de ensaio à Ilha da Madeira. Foi designada a hora a que o «Lusitânia» levantou vôo: às seis e meia da madrugada.

Compareceram no Centro de Aviação Naval de Lisboa os srs. vice-almirante Sarmiento Saavedra, major-general da Armada; contra-almirante Oliveira Muzanty, chefe do Estado Maior Naval — comandante, durante o «raid», do aviso «República», o navio que salvou os aviadores nos Penedos de S. Pedro e S. Paulo — contra-almirante Mata e Oliveira, superintendente da Armada; capitão de mar e guerra Almeida Henriques, director da Escola Naval; capitão de fragata Luiz Cas, imediato do aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque»; capitão-tenente Pedro Rosado, comandante do torpedeiro «Sado»; antigos oficiais do aviso «República», a quando do «raid»; e os alunos mais classificados da Escola Naval, etc.

O sr. ministro da Marinha chegou às 6,30 horas e foi recebido pelos srs. capitão-tenente José Cabral, director da Aeronáutica Naval, 1.º tenente Gomes Namorado, comandante do Centro de Lisboa e oficiais que ali prestam serviço.

Dentro do «hangar», ornamentado com bandeiras e iluminado, viam-se o «hidro»

Um aspecto da visita ministerial ao Centro de Aviação do Bom Sucesso



Um grupo de seis elefantes amestrados que se exibem acrobaticamente num circo londrino

Há quem não goste do circo, quem o julgue um espectáculo inferior, próprio só para crianças ou multidões simplórias. Acusam-no de excessiva ingenuidade, pelas graças despretenhiosas dos palhaços, ou da barbarie, pelos números em que o artista joga a vida para gaudío dos espectadores.

Apreciação injusta de intelectuais "blasés". O circo é, muito ao contrário, um espectáculo cheio de vida, de movimento e de emoção. Há que admirá-lo na sua singeleza, desataviado de cenários e convenções, e na sua verdade, pela exibição nua dos seus prodígios. Mas há sobretudo que vê-lo com olhos jovens, com optimismo e alegria de viver.

O circo é, essencialmente, o espectáculo da mocidade. Não apenas dos que não sentiram ainda o rodar devastador do tempo, mas de todos que guardam dentro de si, em plena pureza, as facul-

dades emotivas. Por isso o povo, que sabe preservar a sua vitalidade e juventude melhor do que tódas as "élites", lhe manifesta com exuberância a sua predilecção.

O espectáculo do circo difere profundamente de todos os outros. Mas enganase quem julgar que lhes é inferior só porque se dirige a sensações mais primitivas. Em arte a simplicidade de processos, longe de facilitar a criação, dificulta-a. Assim sucede no circo.

O artista do circo não está como o de teatro isolado do público pelas luzes da ribalta que erguem entre ele e a sala uma fronteira de convenções. Não se move no ambiente irreal do palco em que mil factores tendem a criar uma ilusão. Desce à pista e entra no contacto directo do espectador, apresenta-se-lhe desprotegido e confiante apenas nos seus recursos. É esse o seu mérito. As suas armas são a perícia, a audácia, a agilidade com umas ou outras, e por vezes com tódas conjugadas, que deslumbra e conquista o público. E não lhe fica em geral margem para imperfeições. O comediante pode interpretar mal o seu papel, esquecer uma frase ou desvirtuar a intenção do autor



dente grave. E o público tem para elle severidades que o actor desconhece.

Mas a despeito de tódas estas dificuldades, quanta fantasia e quanta variedade o espectáculo do circo nos proporciona!

São os domadores que nos apresentam os prodígios da sua paciência e da sua tenacidade, a prova irrefutável da superioridade da nossa espécie sobre os irracionais. Leões, tigres ou elefantes manifestam a sua obediência perante a vontade consciente ou dominadora. Raros são os animais que se lhe exibem totalmente. Há tempo, um homem apresentou no circo o primeiro grupo de zebras ames-

tradas, resultado que durante largo tempo foi considerado impossível. Outro celebrou-se por exibir um leão montado a cavalo, dupla vitória sobre a ferocidade do felino e sobre o instinto de conservação do solípede.

E no capítulo dos animais amestrados citemos ainda as focas, de surpreendentes recursos, e outros como as pulgas, que se não exigem a resoluta coragem necessária para afrontar feras, não requerem menos por isso tesouros inesgotáveis de paciência. Passemos depois aos "jongleurs", e malabaristas que maravilham com a assombrosa precisão dos seus movimentos. Nesses exercícios feitos sem esforço aparente, que conservam sempre qualquer cousa de mágico, há muitos anos de perseverante aplicação. É fora de dúvida que a intuição desempenha aí papel de primeiro plano. Mas para chegar a dominá-la quantos sacrifícios e quanta dedicação a um objectivo!

O mesmo se pode dizer dos atiradores de facas que circundam um alvo humano com as suas pontarias infalíveis. E no dia

A esquerda: Con Collesano realizando o seu prodigioso salto mortal em equilíbrio sobre um arame. A direita: O homem-mosca, que se apresenta caminhando suspenso pelos pés



NO REINO DOS PALHAÇOS

Prodígios de circo

Um espectáculo cheio de vida e movimento que não perde nenhum dos seus atractivos



Uma mulher «clown», unica artista feminina deste genero



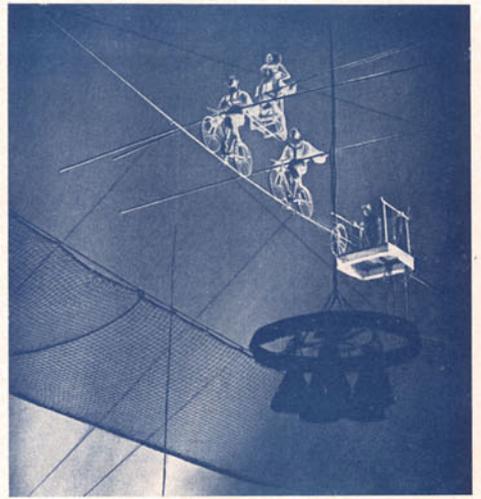
tradas, resultado que durante largo tempo foi considerado impossível. Outro celebrou-se por exibir um leão montado a cavalo, dupla vitória sobre a ferocidade do felino e sobre o instinto de conservação do solípede.

E no capítulo dos animais amestrados citemos ainda as focas, de surpreendentes recursos, e outros como as pulgas, que se não exigem a resoluta coragem necessária para afrontar feras, não requerem menos por isso tesouros inesgotáveis de paciência. Passemos depois aos "jongleurs", e malabaristas que maravilham com a assombrosa precisão dos seus movimentos. Nesses exercícios feitos sem esforço aparente, que conservam sempre qualquer cousa de mágico, há muitos anos de perseverante aplicação. É fora de dúvida que a intuição desempenha aí papel de primeiro plano. Mas para chegar a dominá-la quantos sacrifícios e quanta dedicação a um objectivo!

O mesmo se pode dizer dos atiradores de facas que circundam um alvo humano com as suas pontarias infalíveis. E no dia



Os cinco Carlos no seu arriscado equilíbrio com bicicletas e cadeiras



em que elas perdem esta última característica o espectáculo interrompe-se tragicamente.

Falemos agora dos equilibristas, dos voadores, de todos esses artistas que afrontam a lei da gravidade, com os seus perigosos exercícios. Pertence-lhes muitas vezes o "clou", do programa. O público gosta de os ver evoluir sobre o abismo, de seguir angustiado as suas deslocacões no espaço, em plena trajectória dum trapézio para outro. O artista,



por sua vez, corresponde a este estímulo da curiosidade, procurando sem cessar exceder-se a si próprio, aumentando as dificuldades, algumas vezes aceitando com relutância a protecção insuficiente da rede.

Dir-se-ia, ao observá-los, que o arrojado humano e o desprezo pela vida não têm limites. E também que nada é impossível quando vemos um homem em precário equilíbrio sobre um delgado arame, dar um salto mortal e cair de pé sobre a mesma base linear.

Vêm depois os "clowns", que despertam a gargalhada sã com as suas facécias em que não há perversidade nem jogo de palavras, mas apenas a graça simples do movimento. E quem se atreverá a contestar-lhe uma arte cheia de elevação, quando o "clown" se chama Crook ou Charlot?

Com os seus processos ingénus, talvez primitivos, o circo é uma escola admirável da vida, que constitui em si um mundo aparte, o mundo onde vivem os anões e os gigantes, os homens que parecem furtar-se às leis do equilíbrio e os outros que zombam da gravidade. Tudo ali é estranho e diferente, sem ser no entanto irreal e ilusório como no teatro ou no cinema. O circo é como que uma imagem reduzida da vida, em que se acentuaram os contrastes até ao exagero.

Charlot viveu nesse meio. Conheceu-o intimamente, como palhaço modesto que levava bofetadas e partia louça para fazer rir o público. Reconhece que deve a esse ambiente único o melhor da sua experiência. O seu célebre filme "O circo", inspira-se nessas recordações do começo da sua carreira e é, sem dúvida, das obras mais realistas e emotivas que o genial cómico nos tem dado.

«Não têm razão por isso os que manifestam desdém pelo circo. É um espectáculo que merece a nossa admiração.

Patricia Bourne, de 27 anos, a domadora mais nova do mundo, com os seus leões



O DESPORTO EMOCIONANTE DA NEVE

PORQUE NÃO VEM ATÉ À SERRA FAZER "SKI"?



tos trambulhões que deu, quando se aventurou a empresas de grande vulto.

Que belos dias que então passou!

Hoje, há mais neve do que, quando cá esteve.

Eu, no seu caso, aproveitava.

Na serra estão todos à sua espera. Há

aqui raparigas encantadoras que aguardam mais um companheiro. Activam-se os preparativos para animada travessia da serra. Os "skis" têm mais parafina. (Até já se sabe o itinerário a seguir). Os sacos de lona estão a abarrotar.



Entretanto, não partem.

É que esperam a sua chegada para irem para a neve.

(Na montanha, todos pequenos perante a natureza, não há egoísmos.)

Já viu a neve?
Suba até cá acima, à serra, onde o esperam. A neve está muito branca e rija, aguardando mais botas ferradas e encerados "skis"...

↑ Um formoso contra-luz durante uma paragem para repousar e admirar a bela paisagem

↙ A ascensão a caminho das alturas onde o horizonte é mais vasto e o ar mais puro



↑ Duas desportistas que preparam a corrida-veloz sobre o declive macio da neve



↑ O maravilhoso aspecto das Penhas Douradas cobertas por vasto manto de neve



Não os faça esperar.

O dia está lindo. Há sol. E cá em cima o sol põe cintilações estranhas na neve. Tudo reluz.

Esteja certo de que não se arrependerá e de que, no regresso, levará consigo algumas, muitas recordações deliciosas.

Porque espera?

J. A.

Porque não vem?

Se já viu neve, conhece decerto a beleza dos longes cobertos de alvo manto, cortada aqui e além, pela sombra escura de uma rocha de forma caprichosa.

Conhece, com certeza, a alegria que há em deslizar pela neve: — entregar-se confiante à estabilidade que os "skis" lhe oferecem e ao apoio dos "batons"...

(Já reparou que andar pela neve trás uma alegria especial, um prazer de descoberta, de iniciação...?)

Lembra-se das corridas nas pistas em que os skieurs experimentados fazem prodígios?

Lembra-se decerto. Como também estão ainda gravados na sua memória cer-



A CIÊNCIA DA DESTRUÇÃO

Surpresas duma guerra futura

As prováveis condições técnicas duma nova conflagração mundial

No momento inquietante em que vivemos a hipótese duma nova guerra desenha-se com angustiosa nitidez.

Que caracter teria um conflito armado, por certo mais cruel e horrroso que o de 1914 a 1918?

Não saberíamos responder a esta pergunta. Nem é nossa intenção fazer anticipações duma maior ou menor fantasia.

Nas linhas que se seguem procuramos apenas resumir uma parte do muito que se tem escrito sobre o progresso da ciência da guerra e as novas armas que seriam chamadas a tomar parte na luta.

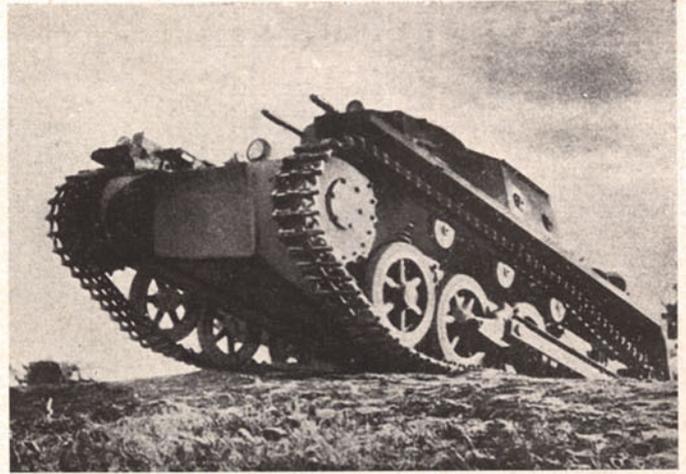
Sistemas defensivos

A trágica experiência da Grande Guerra determinou um extraordinário desenvolvimento das chamadas armas defensivas. A França, sobretudo, país sinceramente pacifista, procurou pôr o seu território a salvo de novas invasões, não se poupando para isso a esforços. Da actual situação da Europa pode concluir-se como certo que a Alemanha vai fazer o mesmo na Renânia. Assim duas barreiras poderosas se erguerão face a face, neutralizando a acção dos dois Exércitos inimigos. É possível que este facto só contribua para tornar a guerra mais cruenta e renhida. Mas o que é fora da dúvida é que, no caso duma nova conflagração entre a França e a Alemanha, os elementos defensivos exercerão um papel de decisiva importância.

As modernas fortificações não podem ser comparadas a quaisquer outras até hoje empenhadas numa acção militar. Daí resultará elas modificarem a estratégia num sentido que não é possível, por enquanto, prever inteiramente.

O objectivo fundamental duma linha de defesa é o estabelecimento de fogos de barragem cruzados que tornem impossível a progressão do inimigo. É o que sucede, por exemplo, na linha Maginot — a que nos referimos nestas páginas, ultimamente. Os campos de tiro das obras fortificadas que as compõem interpenetram-se de tal modo que uma columna que procurasse forçar

a passagem seria posta entre dois fogos. As ravinas e depressões do terreno fora do alcance



Um obus da fabrica Skoda

dos fogos da barragem ficariam sob a acção de obuses e morteiros de trincheira. Outra função essencial das fortificações é assegurar a protecção dos armamentos e efectivos que as guarnecem. Para isso as construções são quasi inteiramente subterrâneas. Esta circunstância torna impotentes contra elas, até certo ponto, os ataques da artilharia e da aviação. De facto nenhuma granada até hoje conhecida pode interessar as partes vitais dessas obras formidáveis enterradas a uma profundidade de 20 a 70 metros. Quanto aos pontos vulneráveis, que estão reduzidos ao mínimo, encontram-se, como se sabe, guarnecidos com poderosas blindagens de cimento e aço.

Uma arma poderia contudo vencer a mais bem defendida das fortificações — os gases asfixiantes. Mas a hipótese não foi esquecida.

Extensas canalizações subterrâneas aspiram o ar fresco a grande distância na retaguarda. Aparelhos especiais comprimem no depois no recinto das fortalezas. Uma vez que a pressão atmosférica é ali maior os gases são repelidos. Assim, mesmo sob espessas nuvens de tóxicos os soldados poderiam permanecer nos seus postos. O recurso às máscaras só se faria no caso de vir este dispositivo a falhar por qualquer avaria. Mas ainda nesta hipótese existem grandes filtros destinados a absorver e neutralizar os gases e portas estanques destinadas a limitar-lhes a expansão dentro do recinto das fortificações.

Finalmente as fortalezas comunicam tódas entre si por meio de profundas galerias. Visto que nada se pode considerar absolutamente inexpugnável a hipótese de uma delas cair em poder do inimigo foi também considerada. A posição perdida seria nesse caso isolada por meio de um sistema de portas accionadas mecânicamente, que nada ficam a dever em solidez às das caves do Banco de França.

A única deficiência apontada no sistema defensivo da fronteira do nordeste da França, é que a linha fortificada não tem profundidade, isto é, não está apoiada por outro sistema que prossiga a resistência no caso de ela vir a ceder. Parece que os técnicos militares franceses contam porém com uma linha de artilharia que no caso de o inimigo transportar as fortificações faria fogo sobre estas, o que, como já vimos, em nada afectaria, os que as ocupassem.

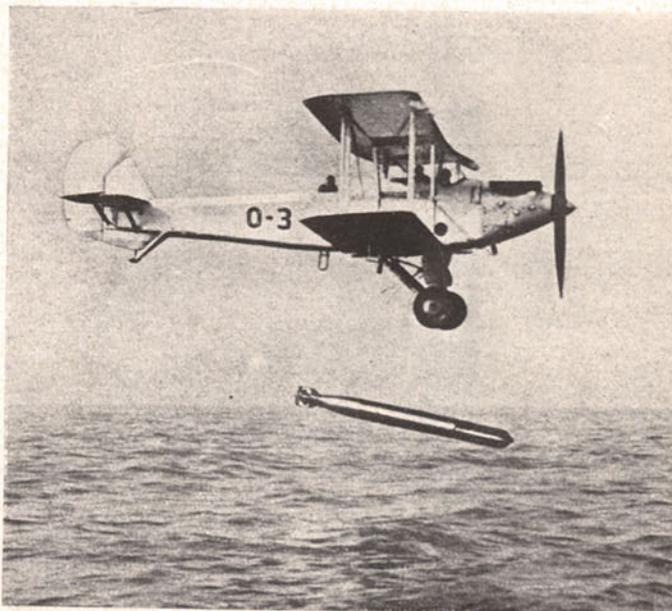
Restam os meios de defesa passiva. Em certas regiões, como em frente do Sarre, no vale do Moso e na Bélgica, está previsto um sistema de inundações que tornaria muito difícil e moroso o avanço do inimigo. Noutros pontos grandes extensões de terreno estão semeadas de carris de ferro plantados ao alto, que tornam impossível o avanço dos «tanks».

O Exército motorizado

Um dos factores dominantes na organização dos Exércitos modernos é a motorização. Entre outras inovações, a última guerra europeia fez aparecer nos campos de batalha os carros de assalto e as auto-metralhadoras. A mobilidade destas armas deu-lhes desde logo

Uma peça de artilharia motorizada





Um avião-torpedeiro largando o seu projectil

A tática da ofensiva adquire assim um carácter novo que já se esboçou na Grande Guerra, mas que atingiria agora todo o significado. Rápidamente reunidas num determinado ponto da frente da batalha, as formações mecanizadas podem desencadear uma acção tão fulminante como inesperada.

A França tem consagrado particular cuidado à motorização do seu Exército. Escusado será dizer que a Alemanha, a quem o Tratado de Versalhes proíbia estas armas,

tor e dar ao pesado engenho condições de flutuação na água. Parece que as duas condições foram satisfatoriamente resolvidas. Os referidos «tanks» podem navegar de vinte minutos a meia hora. Estão, portanto, em condições de forçar a passagem dum rio relativamente largo, desalojando o inimigo da margem oposta.

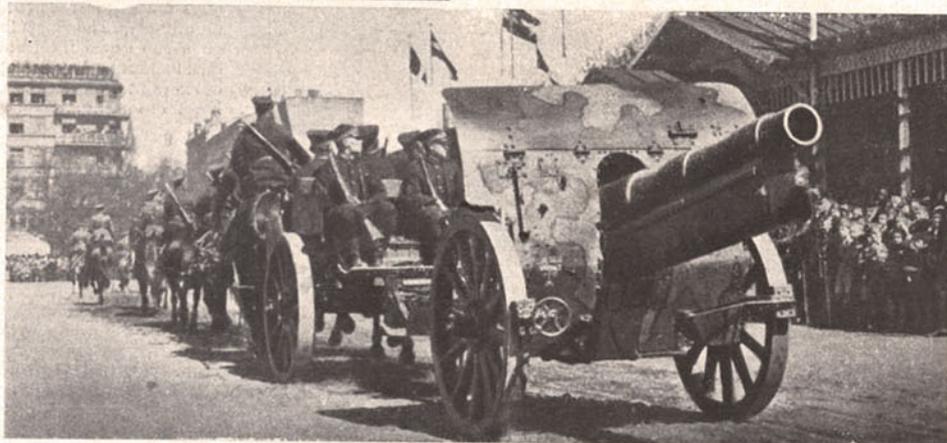
Uma operação deste género não poderia, evidentemente, ser feita apenas por carros de assalto. A ocupação pela infantaria é indispensável. Assim, a questão do apoio por parte desta foi também estudado. O exército alemão, por exemplo, possui jangadas pneumáticas, de peso mínimo, que podem transportar um grupo de homens. Estas jangadas são feitas de borracha e dobradas representam um pequeno volume. No momento de servirem são enchidas com ar. São formadas por diversos compartimentos isolados, de modo que o furo duma bala só afecta uma parte e não implica o esvaziamento total.

A eficácia destes e outros factores é por enquanto uma incógnita, que só a trágica experiência duma guerra revelará.

O concurso da aviação

A intervenção da arma aérea por forma diversa da usual tem ocupado a atenção de alguns investigadores. Um inventor norte-americano propôs-se fazer transportar carros de assalto em aviões. O projecto nada tem de irrealizável, mas a sua utilidade parece contestável. Em rigor pode admitir-se a decisão de «tanks» na retaguarda das primeiras linhas adversárias. Mas a sua acção seria limitada por falta de apoio e ficariam condenados a uma destruição quasi certa, a menos que por um ataque combinado estabelecessem ligação com a sua frente, rom-

Artilharia moderna



papel preponderante na estratégia militar. A luta passou a fazer-se em velocidade. E os progressos feitos neste sentido são tão consideráveis que, num recente discurso, o rei Leopoldo III da Bélgica exprimiu o receio de que uma súbita invasão alemã poderia atingir o coração do país poucas horas depois de ter violado a fronteira. Existem actualmente em todo o Mundo numerosos tipos de «tanks». Os mais vulgares, cujo peso varia de 10 a 20 toneladas, destinam-se a apoiar a infantaria. Alguns são dotados de grande velocidade — mais de 50 quilómetros por hora — de modo a poderem intervir de surpresa.

Vem a seguir os carros de combate, dum peso aproximado de 35 toneladas. São armados de canhões de grande calibre. Há os com peças de 75 e diz-se até que de 105. Possuem blindagens fortíssimas, o que não os impede de se deslocarem a velocidades consideráveis.

Os «tanks» de peso superior são classificados como carros de rotura. A França possui alguns de 70 toneladas. Diz-se que os alemães estudam um modelo que poderia ir até às cem toneladas. Verdadeiras fortalezas rolantes, estes carros destinam-se a forçar as linhas de resistência, abrindo caminho a outros engenhos mais ligeiros.

Quanto às auto-metralhadoras existem dois tipos: ligeiras e pesadas. As primeiras montadas sobre 4 rodas pesam cerca de 3 toneladas; as segundas, com seis rodas, tem aproximadamente um peso duplo. Podem marchar para a frente ou para trás, à mesma velocidade.

Ainda com o objectivo de aumentar a mobilidade e fazer intervir na luta o factor da surpresa, a artilharia encontra-se, na sua maior parte, motorizada. O transporte das peças é feito por tractores. Em alguns casos mesmo, as peças estão montadas sobre veículos automóveis que rapidamente se transportam ao ponto da frente da batalha onde a sua presença é requerida.

Nestas condições, o esqueleto dum Exército moderno pode considerar-se constituído pelas suas formações motorizadas. O serviço de patrulhas é feito por auto-metralhadoras e motocicletas. O reconhecimento do terreno incumbe aos carros de assalto ligeiros. A infantaria é transportada ao local da acção em veículos rápidos adaptados à marcha sobre qualquer terreno, e entra em acção apoiada pelos «tanks» e pelo fogo da artilharia motorizada que muda instantaneamente as suas posições, acompanhando o avanço,

nem sequer esperou pela denúncia oficial das cláusulas militares desse tratado para dotar o seu Exército com um apreciável número delas. Segundo os técnicos, o Reich possui actualmente de 2000 a 2500 carros de assalto ligeiros. A sua inferioridade neste ponto perante a França ainda é sensível, mas não é fácil dizer quando deixará de sê-lo.

A passagem dos cursos de água

Em todos os tempos os cursos de água têm constituído linhas de resistência às invasões, pela relativa facilidade para os defensores duma das margens em obstar à travessia. Uma guerra futuro veria talvez as condições de combate sobre um rio consideravelmente modificadas. Os técnicos conseguiram realizar o «tank» anfíbio, que se desloca com igual facilidade em terra ou na água. O problema consistia em isolar o mo-



Uma metralhadora contra aviões

pendo as linhas inimigas. Está no mesmo caso a descida em para-quedas de tropas de ocupação. O exército russo realizou há tempos manobras nesse sentido. Mil para-quedistas lançaram-se no espaço armados de metralhadoras ligeiras e ao tocar no solo entraram imediatamente em acção. A possibilidade duma operação deste género ficou demonstrada. Mas não é fácil dizer em que condições estratégicas ela poderia ser aplicada. Além do que o emprêgo duma tão considerável massa de aviões não corresponderia á importância do resultado. Parece poder deprender-se daqui que, na hipótese duma próxima guerra, a aviação se limitaria a exercer o seu papel tradicional.

A luta no mar

As condições da guerra naval são dominadas hoje pela aviação. O grande couraçado tem no avião o seu mais perigoso inimigo. Mas seria errado concluir pela supremacia decisiva duma arma sobre a outra.

Os Almirantados das grandes potências têm-se empenhado, nas novas construções e nas já existentes, em reforçar as blindagens das cobertas. É duvidoso, contudo, que se consiga assegurar uma protecção suficiente contra os poderosos engenhos de destruição que um grande avião de bombardeamento pode lançar.

O armamento anti-aéreo tem sido também aumentado. O jornal inglês «Daily Telegraph» revelava há tempo, a este respeito uma inovação curiosa. Dois barcos de guerra britânicos de tonelagem média encontram-se quasi exclusivamente armados com peças anti-aéreas de grande alcance e precisão. Constituem assim uma espécie de baterias flutuantes destinadas a acompanhar o grosso das esquadras e a protegê-las dos ataques dos aviões.

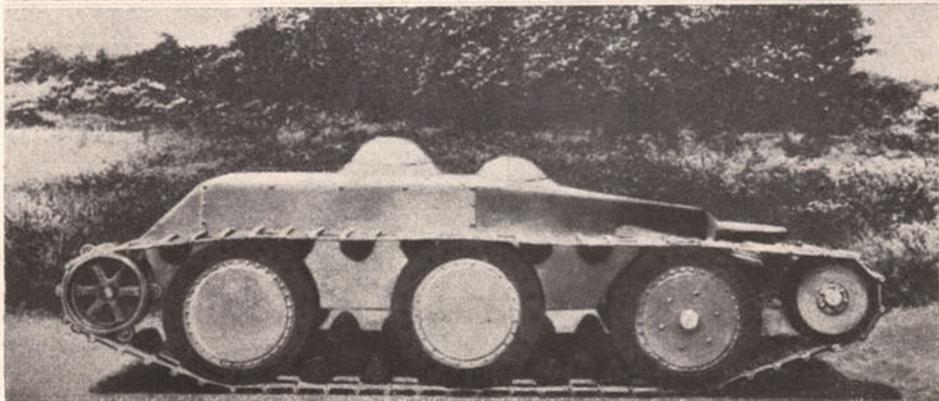
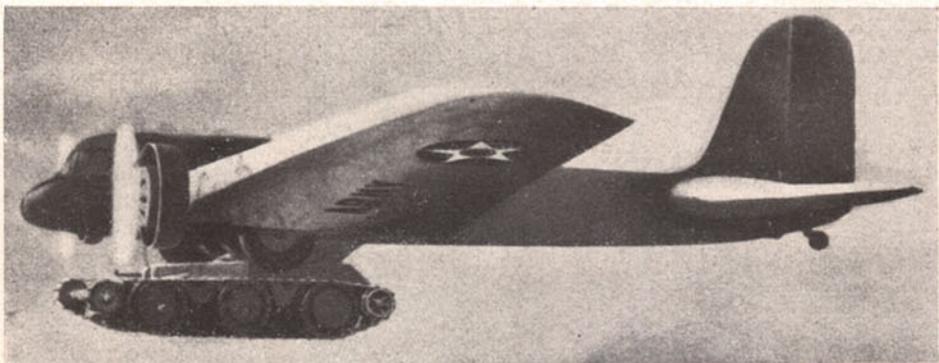
A grande incógnita dum futuro combate naval continua, porém, a ser, como já há tempo aqui fizemos notar, a intervenção dos aviões-torpedeiros. As condições particulares de ataque destes aparelhos constituem uma grave ameaça para as grandes unidades navais.

Mas o seu poder de agressão tem sido possivelmente exagerado e é muito provável que não se confirmem as previsões dos que afirmam que um ataque combinado de vários aviões representa a destruição inevitável do barco alvejado.

Uma inovação de largas conseqüências consiste no aparecimento de barcos minúsculos dotados de grande velocidade e poderoso armamento. Diz-se que os alemães constroem actualmente desses barcos que serão accionados por motores a óleos pesados de 1000 cavalos de força, e tripulados apenas por 3 ou 4 homens.

A missão destes navios consistiria em atacar de surpresa as grandes unidades e fugir imediatamente. Dadas as suas reduzidas dimensões teriam possibilidade de escapar ao fogo do inimigo. Mas como, uma vez atingidos, ficariam irremediavelmente destruídos, chamam-se-lhe «vedetas sacrificadas» ou «navios suicidas».

O valor deste sistema de ataque não pode ser menosprezado. Basta recordar que, durante a Grande Guerra, o poeta d'Annunzio obteve grandes êxitos atacando durante a noite com



O invento dum engenheiro norte-americano. O «tank» transportado em avião

um gasolina a esquadra austriaca fundeada em Trieste. A aviação constitui, por outro lado, uma ameaça para as bases navais. Os alemães

barcos podem ali refugiar-se e reabastecer-se para voltar a exercer no mar a sua acção destruidora.

Atribue-se também aos alemães um invento sensacional e da maior importância: um sistema de propulsão electrica dos torpedos, suprimindo a esteira que assinala a trajectória do projectil. Este aperfeiçoamento é terrível, pois era observando a esteira deixada pelo torpedo que os navios de guerra tinham alguma possibilidade de escapar á sua acção.

A arma química

De todas as armas, a química é, por certo, a que nos reserva maiores surpresas. É que neste caso o segredo militar é mais fácil de conservar e torna-se quasi impossível saber os elementos com que os diversos Estados Maiores contam para o caso dum conflito.

O que parece, no entanto, incontestável é que a actividade dos laboratórios tem sido grande em vários países do mundo e dela devem ter resultado, verosimilmente, algumas descobertas sensacionais.

Além dos gases já conhecidos como o fósforo e a iperite, fala-se noutro que, sendo em principio pouco tóxico, tem a possibilidade de se combinar com os filtros do carvão das máscaras vulgares, tornando-se um veneno enérgico.

Diz-se que os alemães estudaram também o bombardeamento de terrenos com bombas de arsénico, de modo a tornar impossível, durante certo espaço de tempo, a passagem por elles da infantaria.

É por outro lado quasi certo que as bombas incendiárias e os lança-chamas têm sido objecto de grandes aperfeiçoamentos e participariam numa nova guerra com redobrado vigor.

A guerra bacteriológica, em que muito se falou, parece posta de parte. Os alemães realizaram neste sentido profundas investigações, chegando ao ponto de fazerem experiências em Paris — a ser certo o que os jornais franceses afirmaram — com culturas dum microbio inofensivo, o *micrococcus prodigiosus*.

A eventualidade do emprêgo dessa arma não deve ser desprezada. Mas as suas pavorosas conseqüências ameaçariam do mesmo modo atacantes e atacados e esse facto parece ser sufficiente para obstar ao seu emprêgo.



A passagem dos cursos de água. Um «tank» anfíbio

resolveram, em parte, o problema construindo na ilha de Sylt um gigantesco abrigo em cimento armado para submarinos. Trinta destes



Soldados da Reichswehr sobre uma jangada pneumática



Desembarque de Vasco da Gama

tes, e mestre e clérigo para confessar.

Assim apetrechado, seguiu Vasco da Gama o seu destino.

Quando chegou a Calicut, notou logo que os ventos não lhe eram favoráveis como em Melinde. Notavam-se a frieza e a hostilidade estampadas nos rostos bronzeados dos moiros. Mandou pedir uma audiência ao samorim que imediatamente lhe concedeu, rodeando-se de toda a magnificência de que seria capaz o soberano do grande império das riquezas e comércio do Oriente.

Quando o grande navegador lhe expôs o desejo do rei de Portugal em encetar relações comerciais com a Índia, o samorim manifestou o maior desdém inspirado na pouca ostentação da embaixada e na pobreza dos presentes que Vasco da Gama lhe ofereceu

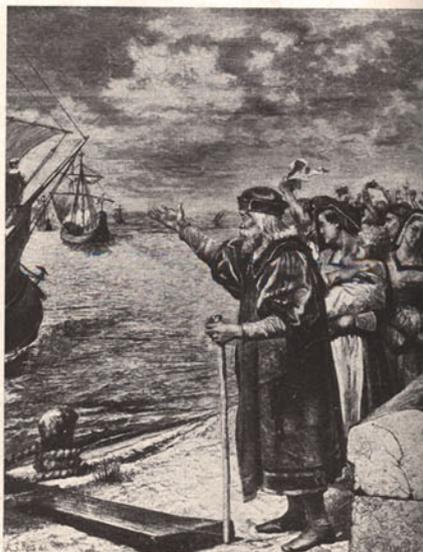
em nome do soberano português. Desde então, o nosso navegador foi tratado com verdadeiro desprezo, e, a não lhe valer a sua energia e intrepidez, teria acabado ali funestamente, sob as numerosas ciladas que lhe urdiram.

Concorreram também muito para o desprezo manifestado pelo samorim, os mercadores moiros, monopolisadores do comércio, que se haviam inquietado com a chegada daqueles homens enviados por um rei poderoso a celebrar alianças com os soberanos orientais. Moveram, então, todas as intrigas para se desfazerem de tão terríveis concorrentes, começando por insinuar aos ministros que seria melhor destruir a armada.

Vasco da Gama, dando largas à sua bravura, conservou a bordo, como reféns, seis naires dos mais graduados, conseguindo reaver assim os seus tripulantes que tinham sido presos injustamente. Trocados os portugueses pelos malabares, e removidos os últimos embaraços, foi marcada definitivamente o regresso da expedição.

Ainda os naturais e os moiros tentaram nova cilada, pois andando os navios em calma, foram assaltados por setenta pretos que tentaram destruí-los. Graças à serenidade de Vasco da Gama, e ao fogo

Velho do Restelo, desenho de Soares dos Reis



EVOCANDO O PASSADO

VASCO DA GAMA EM MELINDE

Glórias e atribuições do grande navegador

intenso das nossas bombardas, os agressores debandaram com pouca vontade de voltar.

Não deixava saudades ao nosso glorioso navegador o reino de Calicut!

Após 26 meses de penosos trabalhos, conseguiu regressar a Lisboa, dando aso a que D. Manuel acrescentasse ao seu título de rei de Portugal e dos Algarves, o de "senhor da conquista, navegação, comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia", chegando a cunhar moeda com esta legenda.

Compreende-se, portanto, a brilhante recepção que o glorioso descobridor recebeu em Lisboa. D. Manuel, por carta régia de 22 de Fevereiro de 1501, prometeu-lhe o senhorio de Sines, e enquanto não entrasse na sua posse, fez-lhe doação de um padrão de 1.000 cruzados de ouro, como tensa, impostos na casa da Mina.

Em 10 de Janeiro de 1502 foram-lhe doados 300 mil reais de renda anual de juro e herdade para ele e todos os seus descendentes, sendo elevado à categoria de almirante do Mar das Índias, com todos os direitos, honras, preeminências, liberdades, poder, jurisdição, rendas e foros concedidos ao almirantado do reino. Foi-lhe conferida também a mercê do tratamento de *Dom*, não só a ele, mas aos seus irmãos Aires e Teresa, e a todos os

seus descendentes que deveriam conservar o apelido de Gama, em memória de tão egrégios feitos.

Como recompensa, Vasco da Gama nada mais poderia desejar. A sua poderosa influência tudo conseguia. Foi Vasco da Gama quem indigiu Pedro Alvares Cabral para comandante da segunda expedição à Índia, embora fosse seu desejo comandá-la. E assim se deu a descoberta do Brasil.

Vasco da Gama desejava voltar à Índia para se vingar das ofensas que recebera em Calicut. Não podia morrer sossegado, enquanto não mostrasse ao orgulhoso samorim a grandeza do poder lusitano e o quanto era perigoso ofender os portugueses.

Esta aspiração, realizou-a no dia 10 de Fevereiro de 1502, saindo de Lisboa com o comando duma armada de vinte velas bem apetrechada.

Vingou-se bem cruelmente. Encontrando no dia 3 de Outubro uma nau que transportava 300 peregrinos de Méca, cercou-a, e mandou deitar-lhe fogo. Disseram-lhe que entre esses peregrinos se encontravam muitas mulheres e crianças, mas tudo foi em vão para o demover do seu propósito. Estava ali para se vingar e não para dar ouvidos a lamúrias piedosas. Queimassem tudo, e, para maior ultrage aos moiros, fossem retiradas vinte



das serenas

crianças que receberiam o baptismo. Nada mais. Toda essa gente morreu ou afogada ou carbonizada ante o sorriso cruel do terrível navegador que assistia à execução da sua ordem.

Não satisfeito ainda com esta crueldade, destruiu a cidade de Calicut, não deixando pedra sobre pedra.

Quando regressou a Lisboa, no ano seguinte, embora D. Manuel o recebesse com grande solenidade, não o escolheu para 1.º vice-rei da Índia, como seria de esperar. Calcula-se que as crueldades praticadas por Vasco da Gama tinham causado péssima impressão no espírito do rei e do povo.

Não obstante continuar a presidir, como almirante do Mar das Índias, à organização das esquadras que partiam para o Oriente, D. Manuel retirara-lhe todo o seu valimento, chegando até a ofendê-lo, como

quando lhe proibiu o uso dos títulos de *Dom* e de conde da Vidigueira, embora lhos tivesse concedido! Tempos depois proibiu-o de visitar a sua querida Sines, cujo senhorio lhe prometera, e só porque nessa vila se encontrava um membro da família real!

Quando Vasco da Gama se lhe apresentou a solicitar o comando duma nova esquadra, pois sentia a ânsia de continuar a sua tarefa de descobrimentos, o rei de Portugal recusou-se terminantemente a atendê-lo, salientando-lhe que a sua acção de descobridor havia terminado para sempre.

Tentou então Vasco da Gama o derradeiro esforço, e solicitou do soberano a necessária licença para se ausentar para o estrangeiro.

Para quê? Para ir servir outro rei — o de Castela, por exemplo — que melhor soubesse agradecer os seus serviços e reconhecer as suas faculdades.

Sorriu D. Manuel ante a ousadia do descobridor das Índias. Podia ir, se assim lhe aprazia, mas não antes de seis meses. Entretanto, ia dar realização a vários projectos que Vasco da Gama conhecia

mas ou menos, e não queria que este o prejudicasse...

O famoso descobridor do caminho marítimo das Índias curvou a cabeça, conformado, e aceitou todas as humilhações que lhe faziam com uma resignação de santo. Ninguém diria que estava ali o feroz perseguidor dos filhos de Calicut.

Se era aquela a vontade do seu rei e senhor, que se cumprisse inteiramente, pois dos seus lábios contraídos pela máguca, não saíra o mais ligeiro lamentação.

E, assim, o grande navegador foi destruído para Évora, onde se conservou até à aclamação de D. João III.

Como as notícias chegadas da Índia fossem desoladoras em face do escandaloso governo de D. Duarte de Menezes, o novo monarca encarregou Vasco da Gama de ir castigar o culpado e assumir o cargo de vice-rei, com todos os poderes e vantagens que para si quizesse e para os seus filhos.

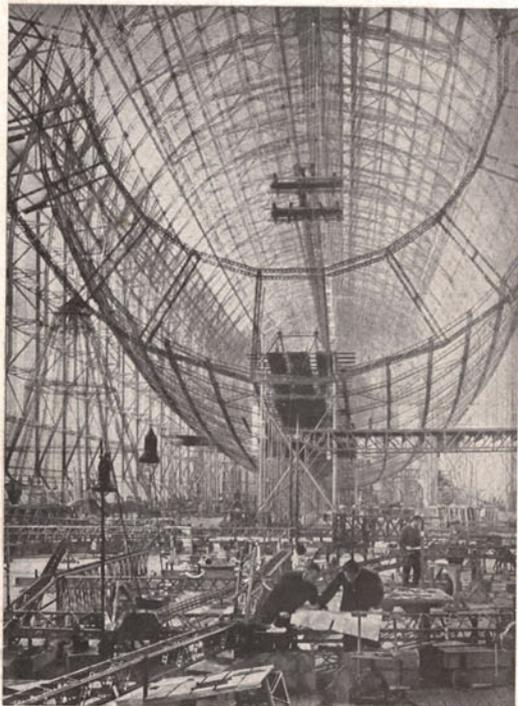
Foi ainda em Abril que o glorioso navegador viu realizado o seu sonho, saindo do Tejo com rumo ao país maravilhoso no qual reinava as suas aspirações mais gratas.

Em boa verdade, a ingratidão do rei D. Manuel foi avolumada pelo imortal renome que Vasco da Gama adquiriu com o rol dos séculos. No momento em que o soberano pôs de parte os serviços do grande navegador, este gesto passou quasi despercebido. D. João III entendeu, anos depois, reparar o agravio.

Os feitos dos grandes homens assemelham-se ao ruído dos tambores: tornam-se mais sonoros à distância.



Vasco da Gama a bordo



A carcassa do "Hindenburg" em construção nos estaleiros de Friedrichshafen

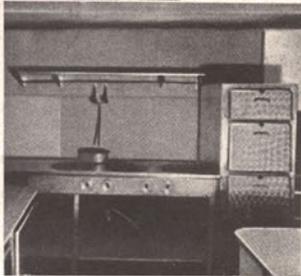
Poucas pessoas sabem, de facto, que de 1910 a 1914 voaram na Alemanha seis dirigíveis comerciais que transportaram 37.000 pessoas sem o mais pequeno desastre. Veio depois a guerra e as proezas dos "zeppelins" ficaram célebres. Após o armistício, a Alemanha dedicou-se novamente à construção de aeronaves. Em 1920 encontravam-se dois prontos e um terceiro a acabar. A Comissão Fiscalizadora

A controvérsia entre os partidários do "mais leve" e do "mais pesado" que o ar, de que Júlio Verne nos dá uma saborosa descrição no seu livro "Robur o conquistador", não está ainda terminada. As duas soluções opostas do problema da navegação aérea continuam ainda hoje a defrontar-se e, diga-se em verdade, com resultados incertos.

Dum lado está o avião, cujos progressos nos últimos tempos são assombrosos. Do outro, o dirigível cujas realizações práticas são incontestáveis. A qual destes caberá no futuro a supremacia nas viagens de longo curso? Eis o que não pode por enquanto dizer-se com segurança.

A maior parte dos países têm tomado posição contra o "mais leve" que o ar. O facto tem origem em sucessivos desastres que fizeram perder a confiança nos dirigíveis. Assim a França após o misterioso desaparecimento do "Dixmude", a Inglaterra depois do desastre do "R 101" sobre Beauvais e os Estados Unidos com a tragédia do "Macon", parecem ter renunciado por largo tempo à construção dessas aeronaves.

Na Alemanha sucedeu precisamente o contrário. O desenvolvimento dos dirigíveis rígidos foi considerado uma questão de prestígio nacional. De resto eles foram sempre uma especialidade alemã e nenhum outro país lhes tem dedicado cuidados tão perseverantes nem tem sido tão feliz na sua utilização.

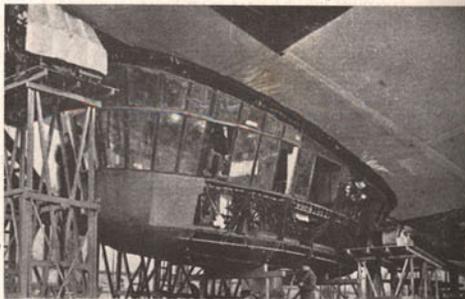


A moelar cozinha eléctrica do novo dirigível, onde se prepararam as refeições dos 50 passageiros que seguem a bordo

Inter-Alíada ordenou, porém, que os primeiros fossem entregues à França e à Itália, e o último aos Estados Unidos, a título de reparações.

A construção esteve suspensa durante sete anos, mas os estaleiros foram conservados e em

A ponte do comando do "Hindenburg" em construção



O MAIS LEVE QUE O AR

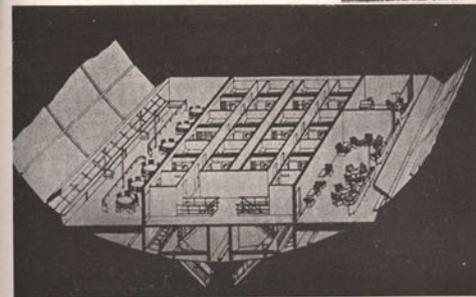
Vitórias e revezes do dirigível rígido

O "Graf Zeppelin" e o "Hindenburg" realizações da ciência germânica

1927 começou a construir-se, sob a direcção do dr. Eckener, um novo dirigível que ficou pronto no ano seguinte e recebeu o nome de "Graf Zeppelin".

Esta aeronave, que já por duas vezes passou em Lisboa, tornou-se mundialmente célebre. A sua fôlha de serviços, sob o comando do sábio construtor, é brilhantíssima. Fez várias viagens aos Estados Unidos, cruzeiros ao Polo Norte e aos trópicos e uma viagem de circun-navegação do globo, com que defrontou vitoriosamente dois tufões. A partir de março de 1932 passou a fazer carreiras regulares entre Friedrichshafen e o Rio de Janeiro. O número de travessias do Atlântico que efectuou orça por uma centena. A distância total que percorreu excede em muito um milhão de quilómetros. Até Fevereiro de 1935 as suas estatísticas mostravam que tinha transportado 27.000 pessoas, 5.500.000 volumes postais e mais de 40 toneladas de mercadorias. De todas as suas missões o "Graf Zeppelin" desempenhou-se sem o mais ligeiro incidente ou contratempo para as pessoas ou encomendas que transportou. Recordemos que por ocasião da última revolta no Brasil esteve impossibilitado de descer por o aeródromo se encontrar em poder dos revoltosos. Por essa razão, foi obrigado a pairar até repressão do movimento, tendo-se conservado no ar durante 116 horas, o que constitui um "record".

Estes resultados animadores levaram os alemães a empreender a construção de outro dirigível que recebeu provisoriamente o nome de "L. Z. 128", e mais tarde foi baptizado com o de "Hindenburg". É este que acaba de fazer a sua viagem inaugural ao Brasil com inteiro êxito, apesar duma avaria num motor, que serviu afinal para demonstrar as suas admiráveis condições de navegabilidade. De dimensões duplas do "Graf Zeppelin",



Esquema da disposição das acomodações dos passageiros na parte inferior do bojo da aeronave

de estabelecer-se um compromisso, que é de importância vital. Emprega-se por isso nestas construções uma liga metálica que alia a leveza à solidez. Essa liga é conhecida pelo nome de duralumínio. Toda a carcassa metálica da aeronave é constituída por inúmeras quantidades de pequenas barras de duralumínio algumas das quais tem a espessura dum lápis. Cada uma dessas peças é objecto dos mais meticulosos cuidados, o que bem se compreende sabendo que a rotura duma delas pode provocar um rasgão no envólucro

o "Hindenburg" reúne todos os aperfeiçoamentos em matéria de navegação aérea. A sua principal inovação é que os motores são alimentados a óleos pesados, o que diminui consideravelmente os riscos de incêndio. No seu conjunto, esses motores desenvolvem 4.400 cavalos de força e o dirigível transporta cerca de 65 toneladas de combustível.

O conforto dos passageiros atinge no "Hindenburg" um grau de perfeição muito superior ao dos seus antecessores. Possui duas cobertas, e a superfície utilizável pelos passageiros é cerca de quatro vezes maior que a do "Graf Zeppelin". As instalações interiores compreendem um salão de jantar, gabinetes de leitura, beliches para 50 pessoas e uma sala de fumo.

Esta gigantesca aeronave pode, sem ventos contrários, deslocar-se a 150 quilómetros por hora e manter esta velocidade durante dia e noite. O tempo das suas travessias do Atlântico não admite, portanto, confronto com o dos mais velozes barcos.

Os pormenores técnicos a atender na construção dum dirigível são numerosos e da escrupulosa observação de cada um deles depende o bom êxito do conjunto. Assim, entre a resistência e o peso tem

por onde o vento, introduzindo-se, acabará por destruir o dirigível.

No interior do bojo da aeronave e ocupando a maior parte do espaço encontram-se os balões que lhe dão o seu poder de flutuação. Antigamente esses balões eram cheios de hidrogéneo. Actualmente, porém, usa o hélio, que embora tendo o inconveniente de ser mais

caro e ter menor poder ascensional, oferece a importante vantagem de ser incombustível.

A tela dos balões é também objecto duma observação constante e rigorosa. Antes de cada viagem o tecido é examinado centímetro por centímetro e reforçado onde quer que a sua solidez pareça estar diminuída.

Tendo em conta a fragilidade de todos os factores que compõem um dirigível em relação à violência dos elementos que é forçado a defrontar, os resultados obti-

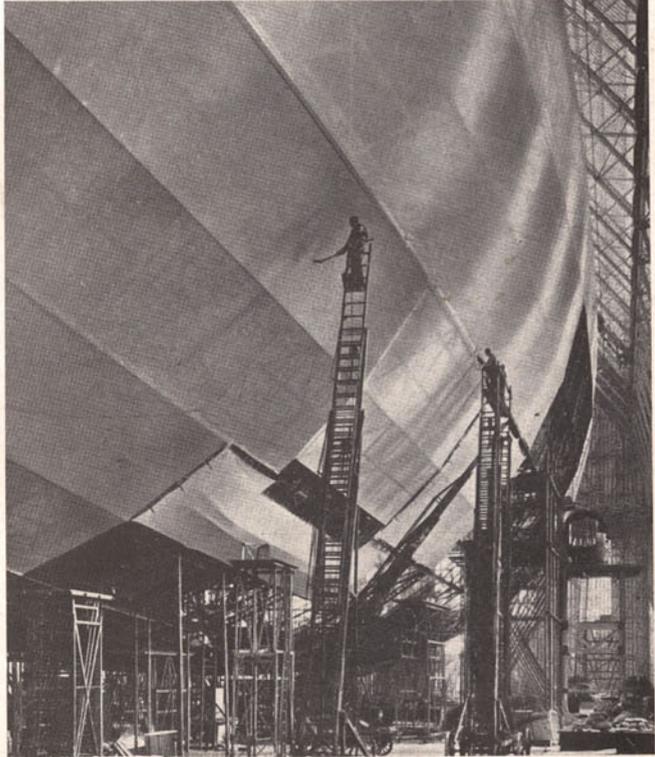
dos pelo "Graf Zeppelin" e a regularidade perfeita dos seus vôos tem qualquer cousa de prodigioso.

Mas seria injustiça atribuir a uma excepcional benevolência da sorte o que é essencialmente produto duma técnica levada ao mais alto grau de perfeição.

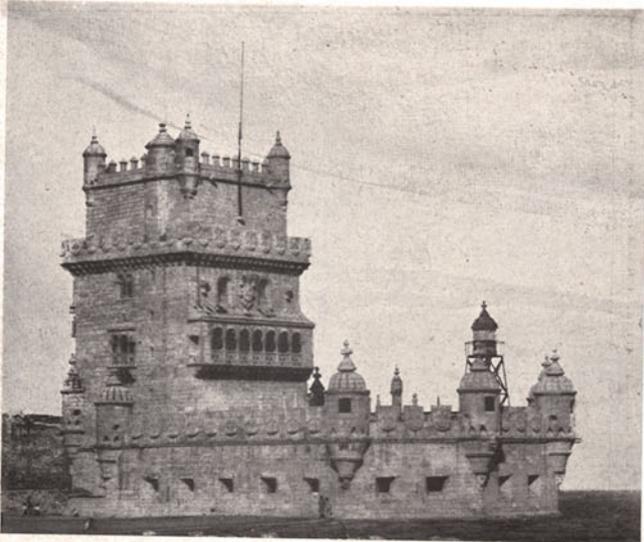
O "Graf Zeppelin" e agora o "Hindenburg", reabilitam, portanto, o dirigível rígido, condenado na opinião mundial por uma série de trágicos incidentes. Deve-se essa reabilitação ao sábio dr. Eckener.

Em caso de guerra, o dirigível rígido pode ainda ser uma arma apreciável. A sua velocidade limitada e o seu grande volume tornam-no presa fácil para os aviões de caça e canhões anti-aéres. Mas apesar disso, a coberto das nuvens e protegidos por esquadilhas de aeroplanos, pode levar a efeito bombardeamentos aéreos em grande escala.

Digamos para terminar que após a conclusão do "Hindenburg", entrou logo em estudo o "L. Z. 130", em que se reunirão todas as lições que a experiência for proporcionando até ao momento da sua construção. E é muito provável que desta vez o "Reichsführer" consiga vencer a resistência do dr. Eckener e faça dar a esse novo transatlântico dos ares o nome de "Adolf Hitler".



Os trabalhos do revestimento da gigantesca armação metálica



da Torre de Belém

DESTA vez, a Torre de Belém vai ficar livre do Gasómetro que há tempo a sufocava, apesar dos veementes protestos dos mais altos espiritos da nossa terra. Este monumento, sendo o símbolo da gloriosa Lisboa dos Descobrimentos, encontrou finalmente quem o fôsse descobrir atrás desse monstro antipático, incômodo e fumegante.

Há oito meses — vai fazê-los no dia 28 do corrente — foi assinado o contrato pelo qual o Estado, a Câmara Municipal de Lisboa e as Companhias Reunidas do Gás e Electricidade se obrigam, mutuamente, nos termos e condições oficialmente estabelecidas, a realizar as obras necessárias à remoção do negregado Gasómetro e seus anexos para as bandas do Poço do Bispo.

Finalmente! Quando, há cerca de 40 anos, Tomaz Ribeiro publicou o panfleto "Senhor, não!", verberando a ideia da construção do Aquário "como padrão a atestar o achado dos novos argonautas", Delfim Guimarães avolumou o protesto com o seu "Não! Mil vezes não!" contra o levantamento do Gasómetro junto da Torre de Belém. Dizia ele:

*Gasómetro gentil edificando,
Pisa-pipas modêlo descobrindo;
A marinha mercante escangalhando,
E à marinha de guerra reduzindo,
As nossas forças fômos empregando
Em labor incessante, nunca findo,
A engrandecer o nome lusitano...
— Intercalando um S a Lucia-no!*

E rematava:

*Venho de presenciar obra funérea
Levantada em Belém, à sombra amiga
Da linda torre que, apesar de antiga,
Deslumbra fazeante o nosso olhar!
Ao vêr o feio vulto do Gasómetro
Lembrou-me o Aquário projectado,
E construí no cérebro, inspirado,
O arrojado projecto de os casar!...*

Quási quarenta anos são passados sem que o monstro de goela hiante arredasse pé, como um dragão de conto de fadas que se mantivesse de guarda à formosa princesa prisioneira.

Que diria D. João II se voltasse a este mundo de enganões e perversões? Foi este soberano quem idealizou a construção da Torre de Belém para defesa da cidade, não só dos piratas, mas de quaisquer outros inimigos.

Surpreendido pela morte em Alvor, não conseguiu vêr realizado o seu plano que considerava urgente e inadiável. Coube a D. Manuel pô-lo em prática, o que fez, logo que subiu ao trôno ainda húmido do sangue de seu irmão. Chamou Garcia de Rezende, seu môço de câmara, e encarregou-o de desenhar a planta da obra a realizar.

Eis como há cem anos o semanário pintoresco "Arquivo Popular", historiava o glorioso monumento:

"Quási no centro de uma extensa planície, que desde o rio e vale de Alcântara se estende pela margem direita do Tejo para a parte da barra, estava antigamente um lugar a que se chamava o Surgidouro do Restrelo, onde o Infante D. Henrique, filho de D. João I, fundou uma ermida dedicada a Nossa Senhora com o mesmo título do Restrelo, que depois mudou para o de Belém; e esta ermida e casas que junto a ela mandou construir, deu o Infante aos freires da Ordem de Cristo, de que era grão-mestre, para

ASPIRAÇÃO E HÁ MUITO

A Torre de Belém e o Gasómetro

Descobre-se finalmente o símbolo dos Descobrimentos

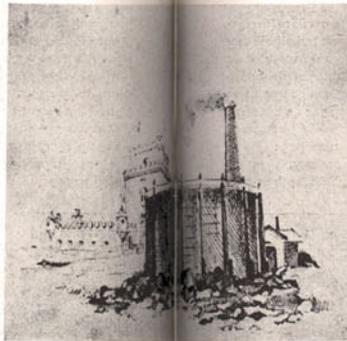
que estabelecessem um hospital em que curassem os enfermos e administrassem os sacramentos aos maresanos e enfermos das embarcações, que dali mandava partir, antes de se ir estabelecer na vila de Sagres no Algarve, para os primeiros descobrimentos da costa de África.

"Foi neste mesmo sítio do Restrelo, por onde as naus partiam para as descobertas da Índia, e onde vinham aportar depois de suas longas e gloriosas viagens; e no lugar daquela mesma ermida de Nossa Senhora de Belém, pela qual

se desejava que se estabelecessem os hospitais, as águas a fechavam de todo; hoje está inteiramente em seco do lado da terra. Era destinada para guarda do porto de Lisboa, e ainda que não seja grande a sua fábrica, é, contudo, notável a sua construção, por ser um magnífico modêlo da arquitectura militar inourisca.

"Havia ali contínua vela de dia e noite, de modo que nenhuma embarcação alguma poderia entrar sem ser vista, e obedecer ás salvas que com a artilheria da torre lhe faziam; e de el-rei D. Sebastião se queria saber se esta vela se fazia com a exactidão devida, se metêra numa castrai, em uma noite muito escura e tempestuosa, e tentara ali passar sem ser sentido; mas não aconteceu assim, porque das baterias da torre lhe fizeram tantos tiros que puzeram em muito risco a segurança da sua pessoa.

"Hoje, tem a nova arquitectura militar tornado menos consideravel a importancia desta torre; mas, ainda assim, a sua posição na extremidade da garganta que ali fórma o Tejo e a correspondência dos fogos da torre de S. Sebastião de Caparica, vulgarmente



O Gasómetro e a Torre de Belém



A formosa Torre mirando-se nas águas

chamada a Torre Velha, fazem aquêlo sítio do Tejo de não fácil passagem; e se em nossos dias vimos algumas embarcações de guerra rompem como inimigas pela embocadura do Tejo, e virem fundear a bem pouco custo em frente de Lisboa, é ao desleixo em que se achavam as fortificações, e à falta de defesa que nelas houve, e não à sua insuficiência, que tal acontecimento se deve attribuir.

"Têm esta torre, desde o tempo dos Felipes, servido de prisão de Estado para as pessoas de grande qualidade. O seu govêrno era sempre dado aos mais distintos generais do reino, por muito rentoso em consequencia dos emolumentos que pelo seu *passé* lhe pagavam todos os navios que entravam no Tejo ou dêle saiam. Hoje estão extintos estes emolumentos.

"Junto à Torre de Belém, para o poente, está o forte chamado da Areia, por ser construido no areal que termina a pequena enseada de Pedroços. Daí se estendem muitos outros fortes e baterias até à foz do Tejo, os quais se acham presentemente em grande abandono, mas que, sendo bem guardados e artilhados, tornariam mui perigosa a entrada a qualquer armada inimiga que ousasse acometê-la."

Escrevia-se isto em Janeiro de 1839.

Um dia, sendo necessário construir um gasómetro para abastecimento da cidade, não encontramos sítio mais próprio do que a vizinhança da Torre de Belém.

E' certo que poderiam tê-lo instalado nos claustros do mosteiro dos Jerónimos visto haver ali espaço com abundancia... Do mal, o menos... Cometido o crime, ergueram-se protestos, súplicas e imprecações na intenção de fazer compreender a quem de direito, a única missão a cumprir. Fôram decorrendo os anos e nada se adiantou. Se a Torre de Belém evocava a época dos descobrimentos, o Gasómetro, talhado em linhas mais modernas e vigorosas, simbolizava a época moderníssima dos gases mais ou menos asfixiantes.

Finalmente, vamos ficar livres do monstro...

Há tempos, alguém alvitrou que, em vez do farol exíguo que pouco ou nada adianta à navegação, fôsse a Torre de Belém iluminada por um fóco poderoso, que melhor orientaria aquêles que se encontrassem sôbre as águas do mar.

E então, concluida a Avenida da Índia, surgiria ante a nossa vista mais surpreendente do que nunca, o formoso monumento que têm estado até agora sepultado pelo abatesma dos gases.

Podemos afirmar que, até agora, a maior parte da população lisboeta conhece a Torre de Belém apenas através dos bonecos que sempre aparecem a simbolizar Lisboa nas revistas de Turismo. Estava descoberta. Vamos assistir, portanto, à descoberta da Torre dos Descobrimentos.

Cumprida esta missão que desde há muito se impunha, não só pelo seu significado patriótico, como pela sua acção esthetica, que mais será necessário fazer?

Iriamos apresentar vários alvitros, mas, por enquanto, não. Deixemos concluir este que constitua uma espécie de fantasma a perseguir-nos. E depois, a falar francamente, se um dia nos encontramos livres do negregado gasómetro, até julgamos que é mentira...



Chevalier com Meriam Hopkins e Claudette Colbert em «O tenente sedutor».

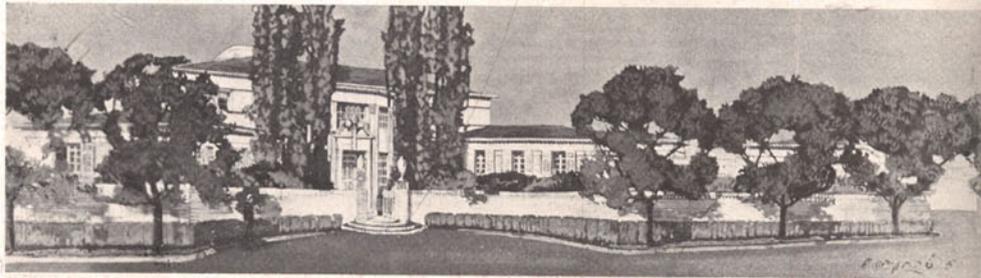
CLAUDETTE COLBERT deve o seu lugar no cinema e a popularidade que elle lhe confere, ao seu espirito empreendedor e corajoso, à persistencia que soube pôr na luta contra as contrariedades que são tributo usual de todas as iniciações numa carreira artística. A sua biographia constituiu em vários aspectos um exemplo estimulante, de que procuramos dar aos leitores um resumo.

A gentil actriz do «Cleopatra» é uma parisiense. Abandonou a pátria com poucos anos de idade ainda. A crise provocada pela Grande Guerra obrigou os pais a emigrarem para a América do Norte. Fixaram residencia em Nova-York e foi na grande cidade dos Estados Unidos que Claudette frequentou pela primeira vez a escola.

A vida dos pais no Novo Mundo era precária. Não sabiam inglês e lutavam com sérias dificuldades económicas. Mas a força dum trabalho aturado alcançaram uma situação de desafogada mediania. E, entretanto, Claudette ia fazendo os seus estudos, educada dentro dos moldes europeus, que contrastavam bastante com os hábitos livres da mocidade norte-americana. Raramente frequentava os cinemas sem ser em companhia da mãe. Mal pensava então que alguns anos mais tarde seria o público que ali acorreria para a ver,



Claudette com Henry Wilcoxon em «Cleopatra». Em baixo: o projecto da residência que a actriz vai mandar construir num dos melhores locais de Hollywood.



UMA FRANCESA

A vontade persistente de Claudette Colbert é o segredo da rápida e feliz carreira

comprazer e uma vez ali a ensaiadora convenceu-a a recitar um papel. Tão agradada ficou com a maneira porque ella se desempenhou do encargo, que a convenceu a voltar no dia seguinte e a tomar parte na interpretação da peça. Claudette animou-se e passado tempo figurava como protagonista numa peça. Obteve um êxito estrondoso no meio limitado em que se exhibiu e esse facto povoou-lhe a cabeça de sonhos.

Os pais, com esse espirito ponderado peculiar aos franceses, viram o perigo que a sedução da arte dramatica podia representar para o espirito da filha. E decidiram dar-lhe orientação diversa, matriculando-a numa Escola de Desenho e Pintura.

O expediente parecia surtir o efeito desejado. Claudette dedicava-se ao seu trabalho e ambicionava vir a ser desenhadora de vestidos de senhora. Mas, no fundo, a tentação do teatro não a largava. E certo dia, uma amiga que disso tinha conhecimento ofereceu-se para a apresentar a Brock Pemberton, que andava justamente à procura duma actriz para uma peça que ia levar à cena num teatro do Broadway.

Claudette não pôde resistir. Sabia que os pais

EM BOLLWOOD

de Claudette Colbert da bela actriz, no teatro e no cinema

se oporiam à sua idéa e por isso nada lhes disse. Procurou Pemberton e apresentou-se-lhe como uma actriz cheia de experiencia, relatando-lhe êxitos imaginários em cidades dos Estados Uni-



Claudette aos 3 anos, por occação da sua ida para os Estados Unidos

dos onde nunca estivera. Foi contratada. Passado tempo a peça subia à cena, e o malogro foi completo. A critica foi impiedosa para a jovem actriz, não a poupando aos mais severos comentários. Tudo indicava que a efêmera carreira de Claudette teve terminação com a peça que, num momento de infeliz inspiração, Pemberton levava à cena.

Mas disse um sábio que os «malogros são o cimento do êxito». E a jovem parisiense parece



Um interior da residência de Claudette Colbert, em que se vê a última o seu piano de cauda e apurado. — Em baixo: A graciosa actriz com sua mãe

de cinema, atraídos pela sua crescente popularidade, fizeram-lhe propostas para que se apresentasse no «craan». Estreou-se no filme «Love of Mike», mas o resultado não a entusiasmou e continuou a dedicar-se ao teatro. Com o aparecimento do cinema sonoro, as tentativas dos industriais de cinema

ter querido justificar o dito. Longe de desanimar, resolveu lançar-se resolutamente no meio teatral. Teve de lutar em primeiro lugar com a opposição dos pais, que se deixaram contudo vencer pela sua sedução e ardor. Tomou parte noutros espectáculos, relacionou-se com todos os empresários, trabalhou sem descanso. Acabou assim por dissipar a má impressão da sua infeliz estreia. Os jornais começaram a referir-se a ella e passado tempo foi contratada para Chicago. Conheceu ali o notável actor Leslie Howard. Após uma longa estadia naquela cidade regressou a Nova York onde ganhou a admiração do empresário Al Woods, que deu grande impulso à sua carreira. Vários empresários



Um expressivo retrato da formosa francesa que conquistou os palcos e os estúdios norte-americanos



tornaram-se mais insistentes. Interpretou então, a par de Edward G. Robinson, o filme «The Hole in the Wall». E desta vez sentiu-se de tal modo atraída pela nova arte que abandonou definitivamente o palco.

A lista dos seus filmes é extensa e recorda-las-emos só em algumas das suas principais criações. Com Maurice Chevalier interpretou «O Grande Charco» e «O Tenente Sedutor». Sob a direcção de Cecil B. de Mille incarnou a imperatriz Popoia do «Signal da Cruz» e mais tarde a lendária figura de Cleopatra no filme do mesmo nome. Em 1934 obteve a medalha de ouro da Motion Pictures Academy of Arts and Sciences pela sua interpretação no filme «Uma Noite Aconteceu».

Dela dizia há tempo um critico: «Não basta dizer que Claudette Colbert preenche o papel que interpreta pois faz mais do que isso — interpreta-o com extraordinário brilho. Reveste-o sempre da maior grandeza do que o autor se propôs dar-lhe. Se de alguma actriz de cinema se pode dizer que possui génio, essa actriz é Claudette Colbert».

Cultiva muitos desportos mas têm especial predilecção pelo «golfe». Nas horas vagas consagra-se à leitura, à música e a desenhar os seus vestidos. É modesta: às pessoas que lhe dizem que é uma das mulheres mais belas do cinema, objecta que têm o nariz excessivamente grande, e que está longe de ser verdade, mas denota, no entanto, um espirito critico e uma coragem bastante raras no seu sexo.

Festas de Caridade

NO SALÃO DE CHÁ TIVOLI

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Cláudia Ramada Curto, Condessa de Castro Marim, condessa da Fóz, Condessa da Ponte, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Helena Pacheco de Miranda, D. Izabel Teles da Gama Almada, D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Maria Ana Meireles Pimentel Pinto, D. Maria Antónia Ramada Curto, D. Maria Canela Emídio da Silva, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria Izabel de Souza Rego de Campos Henriques, D. Maria Luna Borges de Souza, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Luiza de Mendonça, D. Maria Meira, Marquês de Pombal, D. Mónica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, D. Palma Petrus Neves, D. Stéla Belmarço da Costa Santos, Viscondessa de Coruche (D. Maria), e Viscondessa da Merceana, realizou-se na tarde de segunda-feira de Páscoa, no Salão de Chá Tivoli, um «chá» de caridade, cujo produto se destinava a favor da Obra de Auxílio dos Pobres Doentes, durante o qual foram passados vários modelos de vestidos de senhora da presente estação.

O aspecto do lindo Salão de Chá Tivoli, nessa tarde era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reunidas as principais famílias da nossa sociedade elegante.

Casamentos

Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.^a D. Austrália Domingues Ferreira, com o sr. Adolfo Augusto Rodrigues, funcionário público em Cabinda, servindo de padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Ilda Macias Nunes e o sr. Nunes e por parte do noivo seus pais.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Amélia da Conceição Pereira Fialho, gentil filha da sr.^a D. Juliana Dolores Perez y Perez Fialho e do meritíssimo juiz sr. dr. Jacinto Fialho, com o distinto clínico sr. dr. Eduardo Augusto Costa, filho da sr.^a D. Amélia Candida de Souza Costa, já falecida e do sr. José Joaquim da Costa, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a Dr.^a D. Regina Quintanilha e de padrinhos

o pai da noiva e o sr. dr. Vicente de Vasconcelos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo rev. Joaquim Pedro Goulão, realizou-se na igreja matriz de Idanha-a-Nova, que no fim da missa fez uma brilhante alocução,

VIDA ELEGANTE

o casamento da sr.^a D. Maria do Carmo Sanches de Melo Trigueiros, gentil filha da sr.^a D. Maria Carolina Sanches de Melo e do sr. João de Melo Teles Trigueiros, com o sr. Domingos Augusto Lobato Carriço Goulão, filho da sr.^a D. Izabel Lobato Carriço Goulão e do sr. Manoel Nicolau Goulão, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Branca Tavares Carriço e D. Luiza Domingues de Melo Trigueiros e de padrinhos os srs. dr. António Lobato Carriço e Joaquim de Melo Trigueiros. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Ondina de Araujo, interessante filha da sr.^a D. Stela de Araujo e do sr. Waldemar de Araujo, com o distinto engenheiro sr. Leopoldo da Silva, filho da sr.^a D. Maria da Silva e do sr. Jorge da Silva, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Francisco da Silva.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Mont'Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido por Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Beja, D. José Patrocínio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na capela do Palácio dos srs. Condes das Alcaçovas, à rua Eugénio dos Santos, o casamento de sua gentil filha D. Maria Tereza, com o sr. George de Sousa e Castro Black, filho da sr.^a D. Francisca de Sousa e Castro Black, já falecida e do sr. Carlos Macdonald Black, servindo

de madrinha as sr.^{as} Condessa das Alcaçovas (D. Catarina) e D. Maria Henriques de Lencastre de Almeida Garrett, respectivamente cunhada e irmã da noiva e de padrinhos os srs. Conde de Vale de Reis e Luis Guedes de Vilhena Freire de Andrade cunhado do noivo.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido no salão de meza e nos jardins do palácio, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência que se encontrava espalhada pelos aristocráticos salões do Palácio e jardins, recorda-nos ter visto além de Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Beja D. José Patrocínio, as seguintes pessoas:

Marquês de Lavradio e filhos, Marquês de Ficalho e filhos Marquês de Rio Maior, condessa de Cuba, conde, condessa de Mendia e filha, conde e condessa de Monte Real, conde, condessa de Campo Belo (D. Henrique e D. Filipa) e filha, conde e condessa das Alcaçovas (D. Luiz e D. Catharina), conde e condessa de Vale de Reis, conde e condessa de Rio Maior, conde de Nova Goa, conde da Azinhaga, Viscondessa de Almeida Garrett (D. Tereza), visconde do Torráo, visconde de Messagli, visconde e viscondessa de Almeida Garrett, visconde, viscondessa de Tavero e filha, dr. António de Lencastre e D. Beatriz de Lencastre, Carlos Macdonald Black, Luiz Guedes de Vilhena Freire de Andrade, D. Izabela de Sousa Castro Freire de Andrade e filhos, D. Joaquim Henrique de Lencastre (Alcaçovas), D. Eugénia de Mendia de Lencastre e filhos, D. Maria de Lencastre Van-Zeller, Alexandre de Melo Black e D. Luiza de Melo Black, D. Joaquina Maria Salema, dr. D. Fernando de Lencastre, D. Judite de Sousa e Faro de Lencastre e filha, D. Alda Guedes Pinto Machado e filha, D. António Vasco José de Melo (Santar) e D. Maria Guiteria Gil de Melo, D. António de Sousa Coutinho (Linhares), D. Justina Fialho de Sousa Coutinho e filhas, D. Diogo Maldonado Pessanha, D. Matilde Guedes de Vilhena Maldonado Pessanha e filhos, Mr. e Mrs. Pratt Smith, Dr. Alexandre de Almeida Garrett e D. Maria de Lencastre de Almeida Garrett, D. Luiz e D. Izabel de Lencastre e filho, D. José Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. José Luiz da Camara de Saldanha e D. Maria Tereza de Gouveia da Camara de Saldanha, George Croft de Moura e D. Dulce de Melo Black Croft de Moura, George de Melo Black e D. Maria Tereza Borges de Castro de Melo Black, dr. Eduardo de Magalhães, D. Maria Joaquina Folgue de Magalhães e filha José Gomes Palma e D. Eugénia de Vilhena Palma, dr. Vasco da Costa Mira e D. Mariana de Vilhena Freire de Andrade da Costa Mira, Joaquim de Vilhena Freire de Andrade e D. Adelaide Guedes Freire de Andrade, dr. Manuel Bento de Sousa e D. Maria Amélia de Saldanha da Gama de Sousa, D. Pedro de Lencastre e D. Maria Tereza de Saldanha da Gama de Lencastre, Luiz Ricardo Hintze Ribeiro Jardim (Valenças) e D. Fernanda Ivens Ferraz Jardim, Eduardo Ramos de Magalhães e D. Tereza Pinheiro de Melo de Magalhães, dr. José Baptista Alves Lirio, Cônego José Delgado Pires, dr. Artur Penedo, D. Adelaide Penedo e filhas, Mr. e Mrs. Du Boulay, Mario de Castro e Sousa Penedo e D. Regina de Resende Barbosa Bentes Penedo, Tomás de Atouguia Pinto Basto e D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, António Ramada Curto e D. Maria de Lourdes Martins Ramada Curto, dr. João Xavier de Resende Barbosa Bentes e D. Irene de Resende Barbosa Bentes, José Joaquim Fernandes e D. Carolina Almodovar Fernandes, Artur Penedo e D. Maria Antónia de Castro e Brito Penedo, D. Júlia Pinto de Lencastre, dr. José Pulido, D. Rodrigo de Castro (Nova Goa), D. Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Maria Luiza de Melo e Costa, D. José Gil de Meneses, D. José de Lencastre Ferrão (Arrochela), Luiz Pessanha, Mariano de Sousa Feio, Bernardo Mendes de Almeida, António Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), José de Paiva Raposo, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Os ilustres titulares, seus filhos e genros, foram duma inextinguível amabilidade para com os seus convidados, pondo mais uma vez em evidência as suas fidalgas qualidades de carácter.

— Na paróquia de S. José, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Antónia Veléz Mota, gentil filha da sr.^a D. Júlia Veléz Mota e do sr. Francisco Mota Junior, com o sr. Filipe de Carvalho Caióla, filho da sr.^a D. Maria de Carvalho Caióla, e do coronel sr. dr. Filipe Caióla, servindo de madrinhas a sr.^a D. Eliza Tavares Mota e a mãe da noiva e de padrinhos o sr. Joaquim José Ferreira Junior e pai do noivo.

Presidiu ao acto o rev. prior da freguesia dr. Lirio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

— A sr.^a D. Júlia Viana da Costa e Silva Falcão Trigoço esposa do sr. João Corte Real Falcão Trigoço, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Maria Izabel Bezerra com o sr. Carlos Quintanilha Mantas. Os noivos e convidados à saída da paróquia de Santa Izaet.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

«Política»



O dr. Ribeiro Lopes no seu último livro a que deu o título de «Política» ocupa-se de certo numero de casos, na dependência daquela rubrica, a uma altura e com amplitude que não se está habituado a encontrar em lingua portuguesa. O vocábulo escolhido para englobar os temas tratados acha-se por tal forma pervertido pela bôca ociosa ou vagabunda, dada a mesquinhos dizeres, imagem de mesquinhos pensamentos, que ao deparar com êle aplicado no sentido digno, elevado e universal que lhe é próprio, se tem uma surpresa. A palavra «política» empregada para significar estudos de timbre filosófico, conceitos sobre o destino ilimitado dos povos, dentro da evolução humana constitue factio por assim dizer desconhecido entre nós. Os nossos velhos usos, ou vícios, reservaram-na para referir acontecimentos, actos e pessoas que raro sollicitavam o interesse da intelligência daqueles que a possuíam. Eis, portanto, um livro oportuno, que bem poucos poderiam ou saberiam escrever.

«A Rússia Bolchevique»

Obra de Assistência



A secção auxiliar feminina de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, promoveu no dia 5 do corrente uma distribuição de roupas e merendas a 170 crianças pobres. A festa foi presidida pela esposa do Chefe do Estado. A fotografia representa a comissão organizadora com algumas das crianças contempladas.

MAIS um livro de Paulo Freire, cuja obra é sobejamente conhecida e apreciada no nosso meio literário. Desta vez, é «A Rússia Bolchevique», livro de vasta informação em que o leitor toma conhecimento com a Rússia dos Romanoff e do mais que se lhe seguiu até hoje. Paulo Freire foca maravilhosamente a Rússia em todos os seus aspectos — geográfico, político, histórico, revolucionário e religioso. Neste livro o leitor ficará conhecendo com inteira verdade as coisas que se passam nesse país dos eternos frios e que os últimos acontecimentos vieram tornar notado perante o mundo inteiro. Ler a nova obra de Paulo Freire é ficar ao facto, par e passo, do que se está passando nessa Rússia distante e misteriosa.

Récita de estudantes



Os quintanistas de Farmácia realizaram no dia 3, no Teatro do Gimnásio a sua récita de despedida, com a representação da revista «As pilulas do senhor doutor». O espectáculo decorreu com a maior animação, tendo a assistência preniado com muitos aplausos o trabalho dos improvisações actores. A fotografia acima representa os alunos que tomaram parte na representação. Seguirão agora, pela vida fora a representar a sério o que, pelo título da peça, tanto fez rir os numerosos espectadores, seus clientes de amanhã, e sem poderem desejar-lhes saúde, por mais gratos que desejem ser.

Turistas alemães



VINDOS de Hamburgo passaram no dia 7 em Lisboa 3.000 alemães fazendo parte duma excursão organizada pela «Kraft durch Freude» No dia 11 chegaram mais 1.000. O itinerario destas excursões é, como as anteriores, Lisboa e Funchal. Os excursionistas espalharam-se pela cidade, imprimindo-lhe durante algum tempo uma especial animação. Em cima um grupo de turistas, numa das ruas da Baixa.

Homenagem ao Professorado Primário



O Rotary Club de Lisboa prestou no dia 8 deste mês uma homenagem ao professorado primário. Tomaram parte no almoço dez professores e dez professoras e também o director-geral do Ensino Primário, dr. Braga Paixão e o inspector orientador sr. Cunha Leão. Trocaram-se notáveis discursos, tendo falado em nome da classe do professorado o sr. dr. Braga Paixão.

Banquete de confraternização



POR iniciativa do Grémio Técnico Português realizou-se no dia 6 um banquete de confraternização entre os diplomados com os cursos dos Institutos Industriais, anteriores à reforma de 1931: engenheiros auxiliares e agentes técnicos de engenharia. A festa decorreu num ambiente de franca camaradagem, tendo ao champanhe usado da palavra diversos oradores.



Amadeu Silva conduziu a corrida até aos 12 quilómetros, chegando a passar apreciável avanço, mas re-integrado no final terminando em 9.º lugar.

Vejamos o que nos dizem os números.

Jaime Mendes, o brilhante vencedor da prova, gastou a percorrer os 35 quilómetros do percurso nada fácil de Castanheiro do Ribatejo ao Campo Grande, 2 horas 18 minutos e 2 segundos, precedendo António Fonseca, outro

especialista de comprovada classe, de 3 minutos e 3 segundos. Ambos terminaram a corrida num estado notável de disposição, apresentando reservas de energia para mais longos feitos.

Estes tempos correspondem, para os 42, km 195 da Marathona, aproximadamente a 2 h. 50 m. e 2 h. 55 m., devendo levar-se em conta no confronto a estabelecer, o acidentado constante do percurso, que valoriza os resultados em relação às marcas obtidas nos trajectos olímpicos, que sempre são escolhidos em estradas de planície.

A passagem dos mouchões da Póvoa e a subida de Sacavem ao Pote de Água, representam três a quatro minutos na



António Fonseca, que obteve uma excelente 2.ª classificação e foi dos melhores corredores durante a época de inverno.

DAREMOS a primazia nestas considerações quinzenais à terceira prova da "Pequena Marathona", organizada num percurso de 35 quilómetros pelo activo bi-semanário desportivo "Os Sports".

O êxito alcançado pelas duas saídas precedentes, e a que a devido tempo aludimos, foi largamente excedido na competição final, cujos resultados foram além de toda a expectativa.

A primeira conclusão que nos é possível tirar da marcha dos acontecimentos assume nesta época uma importância capital. Os escassos mezes dos Jogos Olímpicos de Berlim, onde devemos considerar indispensável a presença de representantes do atletismo português, a constatação do valor dos nossos corredores de grande fundo é de molde a orientar a acção selectiva dos dirigentes responsáveis, em sentido diverso do tradicional.

As nossas pretensões nesse magno torneio mundial não podem passar de modestíssimas; mas de entre o mau que possuímos, escolhemos aquilo que apresente melhores condições de figuração.

Os corredores de velocidade que nos jogos precedentes mereceram a honra da escolha, trouxeram-nos sempre desilusões; nunca esperámos que alcançassem classificação, mas contávamos mais do que uma eliminação formal à primeira eliminatória, batidos de longe por quem fez 11 segundos aos cem metros.

A dura lição das experiências antecedentes faz avaliar, pelo seu justo preço, os 10 s. $\frac{3}{4}$ e os 10 $\frac{1}{2}$ s., em que são pródigos os cronómetros nacionais.

Acresce, ainda, que não possuímos na actualidade homens do valor de Gentil dos Santos, Prata de Lima ou Sarsfield Rodrigues; o melhor do momento, Mário Pôrto, é um veterano das lides atléticas, em cujos progressos não acreditamos.

Por todas estas circunstâncias, agradamos a hipótese, que sabemos merecer a expectativa benévola do Comité Olímpico Português, duma mudança radical de critério; por fracos que sejam os corredores de fundo nacionais não podem classificar-se pior do que o último lugar numa eliminatória que não chega a durar um quarto de minuto.

A QUINZENA DESPORTIVA

marcha de Jaime Mendes e Fonseca, Na Maratona dos jogos de 1932, em Los Angeles, o argentino Zabala, vencedor, gastou 2 horas, 44 minutos, 3 segundos; o 16.º classificado, o francês Bégeot, 2 h., 53 m., 34 s., e o 19.º, o brasileiro Silva, 3 h., 2 m., 6 s.

Tomando como certos estes elementos, chegar-se-ia à conclusão agradável de que os nossos homens poderiam chegar entre os vinte primeiros da Maratona de Berlim, o que, para a classe do atletismo nacional, seria bastante honroso.

Oxalá o trabalho realizado seja completado pela organização duma quarta prova, no percurso exacto de 42, km 195, para se averiguar concretamente qual a classe de campeões da especialidade; se tivéssemos voto na matéria considerariamos aptos para a selecção os homens que percorressem a distância em menos de três horas, e temos a certeza que haverá quem o faça.

As corridas organizadas por Os Sports provaram a subida de novos valores e o declínio dos azes tradicionais.

Adelino Tavares, o favorito dos vaticinadores, falhou em absoluto e não soube ou não pôde marcar a posição de realce.

Depois duma prova meritória nos 25 quilómetros, foi no último dia batido por um quarto de hora, queixando-se de contraturas musculares que o obrigaram a parar no meio do percurso para ser massajado.

Manuel Dias, o ídolo popular, venceu a segunda jornada e preparou-se cuidadosamente para a terceira, porque, brioso como é, era seu maior desejo completar o rol das suas vitórias com o triunfo na organização mais importante dos últimos tempos.

Apesar de tantos cuidados, apesar do precioso serviço de apoio organizado pelo seu clube, cujos ciclistas avisavam Manuel Dias, quilómetro a quilómetro, da distância que o separava dos primeiros; apesar da sua formidável energia, os recursos atiraram-no e não logrou melhor recurso do que o terceiro lugar, entrando na meta absolutamente exausto.

Dos restantes competidores merecem referência Armindo Farinha e António Figueiredo, que se ultrapassaram conquistando o 4.º e o 5.º postos; o segundo citado teve um final de prova extraordinário, recuperando bastante terreno e brindou a assistência com uma embalagem na méta que mereceu com propriedade a designação de "sprint".

Dois motociclistas húngaros acabam de completar, numa máquina com "side-car", uma autêntica volta ao mundo, na qual gastaram mais de sete anos.

Durante este longo praso, os aventureiros desportistas atravessaram o territó-

rio de sessenta países, percorrendo a bagatela de 160.000 quilómetros, para o que consumiram mais de dez mil litros de gazolina.

Por toda a parte onde passaram, fizeram larga colheita de emblemas dos clubes e agrupamentos motorizados, com os quais forraram literalmente a sua máquina, que apresenta assim um aspecto bastante pitoresco.

A nova direcção da União Velocipédica acaba de tornar público o calendário oficial da época ciclista, cuja abertura terá lugar no domingo próximo com a corrida dos 50 quilómetros clássicos.

Da lista apresentada, que não é muito abundante, salientaremos as provas contra-relógio, designadas de apuramento olímpico.

Como parece posta de parte a hipótese da inscrição duma equipa portuguesa na Volta a França, para a qual fomos convidados, retoma visos de possibilidade a escolha de ciclistas para incorporar na delegação a Berlim. Se as exigências severas do juramento olímpico forem compatíveis com o grau real de "amadorismo" dos azes nacionais, a selecção não será disparatada.

Falta saber o que pensam do nosso actual regime de classificação os altos poderes internacionais.

Pelo critério do regulamento velocipédico recentemente posto em vigor, os ciclistas nem são amadores, nem profissionais, mas apenas "corredores... A finalidade é inteligente e



O veterano António de Alameda venceu a prova dos 12 aos 25 quilómetros, mas veio a desistir perto da meta.

sultado que supõem e trar-lhe-á, talvez, complicações desagradáveis.

Na grande família que uma nacionalidade, o povo é sempre o executor dos grandes planos idealizados pelos chefes políticos ou posto em equação pelo escólo intelectual; todas

Jaime Mendes alcançou aos 25 quilómetros a vanguarda, e até final aumentou sempre a vantagem, conquistando uma vitória brilhante em 2 h. 18 m.



Joaquim Correia, natural de Alentejo, caprichou em passar à cabeça na sua terra, abandonando, porém, poucos quilómetros depois.

prática: um homem quer ir além fronteiras disputar uma prova, requisita uma licença da categoria dos adversários contra quem vai alinhar e, de regresso ao país reingressa na classe de "corredor", que tem porta para todas as frentes. A elasticidade do raciocínio não pode ser mais ampla.

Duvidamos, porém, que a União Internacional aprove o novíssimo regulamento português, em flagrante conflito com as suas definições e praxes de amadorismo. A subtilidade dos dirigentes clubistas, procurando disfarçar para uma situação de facto cujas responsabilidades não possuem coragem para assumir abertamente, não pode dar o re-

as manifestações de actividade dependem, em última análise, da capacidade realizadora da grande massa popular.

O cérebro pensa, os nervos comandam, mas os músculos executam. O povo é a musculatura duma nação.

Desde deste princípio, nenhuma obra de renascimento social poderá resultar profícua, se os homens que a empreendem não cuidarem simultaneamente da valorização do capital humano, sobre quem recaem todas as responsabilidades de realização efectiva.

Essa valorização consegue-se aperfeiçoando, educando e instruindo, física, moral e intelectualmente. E como devemos nortear sempre a nossa acção com vista no futuro, é sobre as novas gerações que faremos incidir todos os cuidados. Preparar a infância e a mocidade para as pesadas responsabilidades vindouras, desenvolvendo nos seus elemen-

tos, vigor físico, vontade moral, forças intelectuais, é a forma mais eficaz de garantir ao País um remoçoamento viril.

Estas considerações, que definem as normas fundamentais do complicado problema da educação física, integrando-o no problema ainda mais complicado de toda a educação nacional, espera há tantos anos a solução indispensável por parte do Estado, que o desânimo se aproxima do espírito dos que têm trabalhado pela sua reforma.

Apesar das campanhas movidas pela Imprensa e pelos técnicos, apesar das afirmativas categóricas de individualidades de alta posição social, apesar dos resultados catastróficamente concludentes duma experiência cuja duração excedeu os limites necessários, as condições do problema mantem-se inalteráveis, defendidas com desespero pelas criaturas que sentem demonstrada a sua nulidade no dia em que os métodos mudarem.

MIGUEL UNAMUNO, o grande escritor espanhol, disse numa das suas crónicas que não havia maior louco do que aquele que nunca fez uma loucura.

Apetece-me tomar esta opinião como tema e desenvolvê-la a meu modo.

Acho que o artista, mestre dos mestres, tem razão, porque fazer loucuras é uma forma inteligente de gozar a vida, saboreando-a em tôdas as suas facetas, boas e más.

Isto de passar sempre os dias numa ordem metódica sem quebra de direcção e sem nos enganarmos nas horas, vivendo continuamente num andamento "moderato", sem um "crescendo", nem sequer uma "fuga", de poucos instantes, é aborrecido, cansa e adormece como um cantochão.

O juízo é preciso, muito preciso, principalmente para sabermos escolher a nossa loucura e sabermos parar a tempo, quando ela ameaça levar-nos até paragens indesejáveis, onde a desgraça está à espreita dum nova presa, que não largará tão cedo.

"Tem p'ra dizer", como se expressava uma velhota que eu conheci em vez de "é caso para dizer", que deve haver uma medida para a loucura, mas que o juízo também precisa medir-se, com preceito.

Enchem-se as medidas de uma coisa e outra, e passa-se a rasoira, como nos celeiros se faz aos cereais.

Tudo que é demais, prejudica.

Ser sensato a ponto de pensar que as pequeninas bagatelas que a vida tem de bom não se podem fruir, sem desmanchar a linha de boa conduta, é uma grande tolice, e leva-nos dêste mundo com uma conta aberta no capítulo "Saber sentir a vida".

Há neste planeta que habitamos umas certas criaturas, sempre de lança em riste, quero dizer de língua afiada, de ânimo azedo, almas endurecidas, onde nunca brotou um carinho, lábios secos, onde nunca floriu a doçura dum beijo, prontas sempre a criticar aqueles que querem gosar conscientemente um momento de felici-

dade — momento raro de uma loucura consciente, sem mancha.

E, francamente, por medo dessas apreciações injustas de qualquer velhice rarbumenta ou mocidade precocemente en-

velhecida, que nunca teve coragem de encarar a vida de frente e que sempre a olhou de soslaio, desconfiada de si própria, — por êsse medo, não vale a pena sacrificar uma loucura que nos possa compensar dos maus bocados já passados —

Que se façam loucuras que arruïnem uma reputação ou que tragam a desgraça de alguém, em ricochete, não está certo, nem é de aconselhar nem de encarecer.

Mas há umas doidices que enfeitam a vida, que a tornam mais agradável e que todos nós podemos fazer, sem nos diminuirmos no conceito das gentes, nem melindrar a nossa consciência.

Ora para saber limitar essa loucura que deleita e não prejudica, essa loucura que deve ser como o veneno em doses mínimas, que em vez de matar até cura de muitos males, assim como o arsénico que tanto assustou o João da Esquina das *Pupilas* e que hoje é quasi uma panaceia universal, para essa restrição e essa dose de desvario é que se precisa do tal golpe de rasoira.

Para que tudo fique em bem sem exageros, é preciso que a loucura e o juízo se fiscalizem mutuamente, como dois bons amigos que se querem bem e repartem a vida, entre si, com tôda a lealdade, sem pretensões à vitória, preferindo empatar a ofuscar-se.

E assim bate certo e o feliz mortal que conseguir ser um doido com juízo é que "a leva direita", como diz o povo de alguém que é mestre na ciência da vida.

Eu bem sei que há criaturas, sempre agarradas aos preconceitos, escravas da opinião pública que usa vidros de aumento para ver o argueiro nos olhos do visinho e nem sente a tranca nos seus.

E fazem mal. Não se lembram da história de "O velho, o rapaz e o burro"?

Se iam a pé os dois, faziam troça, que eram palermas, porque se cansavam e o animalejo ia todo regalado.

Se o rapaz montava o burro, eram censuras ásperas: que não tinha vergonha deixar o pai a pé já velho e alquebrado, e êle descansadinho sem remorsos.

Se o pai ia de burro e o filho a pé, os dichotes de insultos continuavam: — "A criança a estafar-se e o grandalhão todo repimpado!"

Já vêem... Nada de exageros no temor das gentes, é conta, pêso e medida, nas brincadeiras.

Mercedes Blasco.

LOUCURA E BOM SENSO

A CIÊNCIA DA VIDA



ALEXANDRO SIRIO

D. Quixote e Sancho Pança símbolos da loucura e do bom senso

(Desenho de Alexandro Sirio em *La Nación*.)

ou que nos esperam ainda, porque como diz Ludovina Frias de Matos, essa mulher a quem a Dor sagrou poetisa:

*Tristes dos que sem custo realizaram
o seu formoso sonho côr de rosa!*

*Dos que encontram a estrada luminosa
e em ásperos caminhos não passaram.*

*Inditosos os que antes não pagaram
a dívida sagrada e amargosa...*

*Porque a conta será mais rigorosa
e caro ficará o que alcançaram!*

*Ai dos felizes dos que em horas belas,
a vida esquecem de olhos nas estrêlas
e ouvindo gorgear os rouxinóis!...*

*Tôda a ventura tem um preço certo,
o ajuste é inevitável, longe ou perto...
Quem antes não pagou, paga depois!..*

Vejam-se bem nestas palavras que são máximas. Antes ou depois paga-se o tributo à desventura.

O CÃO—AMIGO FIEL



É proverbial e antiquíssima a dedicação do cão aos seus donos. Não há animal, que mais fervorosamente se dedique aos que o tratam com carinho, e que mais afeição mostre aos que lhe fazem bem.

São inúmeros e frizantes os exemplos que temos dessa ternura, dessa adoração, que torna o homem quasi um deus aos olhos desse animal que vive da sua vida e que tantas vezes morre da sua morte, como sucedeu agora à dedicada cadela de Jorge V, que morreu de saudade e de dor quando perdeu o seu dono.

Mas o cão como tudo, tem modas e estas estão sempre a variar e nem sempre é um cão bonito, aquele que tem o sufragio da moda. Em geral mesmo são os cães feios aqueles que têm um aspecto quasi cómico, mas que têm um «pedigree» perfeito e se sabe serem de raça pura.

Eu confesso que não entendo nada de raças de cães e faço mesmo a triste confidência, que as minhas simpatias vão em geral para o cão da rua, o rafeiro esperto e ladino, que tem uma alegria especial e esse ar de saber governar a vida, que tem também o garoto da rua, o Garvoche das cidades.

E' também para o garoto que vai a minha simpatia, moderado e atrevido talvez, mas desembaraçado e governando a vida, na idade em que as crianças mimosas da existência, andam muitas vezes ainda, com criada atrás numa atitude de quasi demência e inutilidade.

O cão de luxo e de raça tem muitas vezes afinidades com essas crianças mimadas e perde as qualidades da sua raça. Mimoso e acarinhado rosna por tudo, rabugento de excesso de comodidades, quantas vezes invejará o cão da rua enlameado e porco, que roeu um osso, mas corre pela rua alegremente, ladrando e brincando, sem coleira, sem laçarotes e sem mimos, que o tóham na sua liberdade de animal livre e independente.

O cão que só come quando lhe dão na boca, superalimentado, muitas vezes desfigurado pelos seus donos, que tanto lhe querem causa me sempre a maior pena.

Um cão feliz é o cão inglês, porque os ingleses com a sua maneira prática de encarar a vida,

por muito que estimem os cães, tratam-nos sempre como animais, e, não fazem d'êles, meninos mimados, de saúde arruinada.

O cão inglês tem a vida que precisa, a alimentação que deve ter, o exercício necessário à sua vida, e, tem o melhor dono que um cão pôde ter, aquele que ele precisa, que lhe dará todo o bem estar mas não lhe limitará as suas liberdades e gostos de cão.

O cão francês é em geral um desgraçado, ou mal tratado, ou feito menino dum casal sem filhos cheio de mimo e horivelmente mal trata-

do como gente, com carinho excessivo e pieguices, que às vezes as crianças não têm num paiz em que há um ideal único para a criança, que ela esteja tranquila, que é tudo o que há de mais contrário ao seu feitio natural.

Mas no cão há tantas variedades, que a seu respeito há sempre que dizer. O cão polícia, que auxilia com um faro especial à captura dos bandidos, é um cão a quem a sociedade muito deve, que eu não sei se já repararam que os cães têm em geral antipatia pelas pessoas, que não são boas, e se há um maroto, que tem um cão, que lhe é dedicado, creiam que no fundo da sua alma, há sentimentos de bondade, que nós não atingimos talvez, mas que o instinto do cão lhe faz presentir, como que adivinhar.

E há tanto cão util! Os cães de S. Bernardo, essa raça de cães, tão lindos e tão bons, que basta olharmos para os seus olhos, para termos a certeza, que eles sacrificarão a sua vida, para salvar aqueles, que estão em perigo.

Barri o célebre cão, que possuía tantas medalhas, pelos inúmeros salvamentos, que fez de viajantes, que sem o seu auxilio teriam morrido, enterrados na neve, sem que ninguém desse pelo seu desaparecimento.

E' interessante ver como esses animais ensinados pelos frades e pelos guias sabem descobrir, os viajantes perdidos, sabem vir dizer onde eles estão, e, alguns levando ao pescoço frascos de rum, sabem dar um cordial áqueles que o frio fez desmaiar.

E o cão Terra Nova esse cão tão lindo que se atira á água, nadando e esforçando-se por trazer para terra os que estão para se afogar? E' um animal nobre que sacrifica a sua vida, para a dar ao homem, que tantas vezes lhe dá pontapés!

Mas há na natureza e nos

animais tantos exemplos, que o homem deve seguir, mas em vez disso, vemo-lo dedicar-se tanta vez ao mal e em vez de socorrer o seu irmão em perigo, agravar-lhe a situação.

E não são só os perigos físicos, os que prejudicam o homem, mas os perigos morais, que são ainda mais graves e nós vemos a calúnia, a perfidia, a malquerença, entre os homens, fazerem tanto mal, tão grandes estragos, que os perigos físicos, a seu lado quasi desaparecem.

Dessas coisas não é o cão capaz, porque não tem fala? Não, porque é leal. O cão é o maior amigo do homem, a sua fidelidade é absoluta.

E quer seja cão de pastor, desses cães quasi lobos, que vivem pelas serras, guardando o gado, juntando-o, lutando, com os lobos, com os ladrões com aqueles que querem lesar o seu dono, roubando-lhe o que lhe pertence, quer seja mimoso cãozinho de regaço, perfumado e acarinhado por doces mãos femininas, o que ele não é capaz, é de revirar o dente e morder a mão que o afaga, que o alimenta e que o protege.

A sua dedicação aos donos é absoluta, é sincera, é sem igual e portanto é muito para apreciar num irracional, que assim dá lições a muitos que se crêem sumidades intelectuais, mas a quem falta o caracter para reconhecer quem, lhe fez bem.

No olhar do cão, ainda é mais bravo, aquele que parece feroz, há quando está junto dos que o estimam uma ternura tão profunda, que impressiona. Eu recordarei sempre a fiel ternura dum feroz lobo da Alsácia, que pertencia a uns amigos meus. Cão temível para os desconhecidos e que reconhecendo-me como amiga, me olhava com uma doçura de expressão impressionante nos seus fulgurantes olhos de lobo.

Mas o lobo nem sempre é o que parece e é mais fácil um cãozinho de sala que abana a cauda a todos ferrar o dente, do que ao forte mas leal animal que é o cão de guarda fazer mal aos que estima.

Maria de Eça.





que à minha volta se passava sentei-me perto da mesa por elas ocupada.

Falavam inglês e pela conversa vi que era uma dessas professoras, que tão nocivas são às vezes na vida duma rapariga e que representam para ela um verdadeiro perigo e esse perigo é introduzido, pela facilidade que temos em aceitar tudo o que de fora nos vem e que nem sempre aceitávamos, e ainda bem, numa senhora portuguesa.

Lembrei-me imediatamente dum livro de Marcel Préost «Les anges gardiens», livro que devia ser lido, meditado e estudado por todas as mães, antes de introduzirem em sua casa, esse perigo, que pode representar uma estrangeira, loucamente trazida para o seio da família.

Não sou contra o uso que estabeleceu que é elegante ter uma professora estrangeira, a forma sou-o é muito contra a moda como isso se faz, muitas vezes sem que aquela a quem se entrega o maior tesouro duma família — uma menina — dê as garantias de moralidade, que todas as mães deviam exigir.

Este perigo é menor para as famílias religiosas, que se podem dirigir a casas, que lhe indiquem uma professora, digna da sua missão.

Mas infelizmente há tanto quem nesse assunto não tenha escrúpulos e que tome, apenas por um anícnio, a mulher a quem vai entregar a direcção moral e a vigilância da sua filha, às vezes apenas com as pagas informações duma outra família, que está desejando ver-se livre dela. Sem ter que pagar a repatriação, a professora que mandou vir.

Mas ainda que a professora estrangeira reúna todos os predicados, que a sua espinhosa missão exige, honestidade, rectidão de carácter, instrução e uma moral perfeita, nem assim a mãe deve descaçar em absoluto e deve vigiar, que através de ideias e de pontos de vista diferentes a sua filha não sofra a influência duma desnaturalização e não adquira hábitos diferentes.

O papel de mãe é muito diferente. A mulher

A mulher quando é mãe tem sobre si grandes responsabilidades, que nem todas as senhoras sabem compreender. Os filhos não são bonecos que se enfeitam com rendas e laços e que se entregam a mãos mercenárias, para com eles não ter incómodos de qualidade alguma.

A senhora que pela sua fortuna ou posição, social, não se pode ocupar, ela própria, de seus filhos, deve escolher para os tratar, pessoal sério, e, que ainda que seja bem recomendado, deve ser por ela continuamente vigiado.

Mas não é só enquanto na primeira infância o seu bem estar físico requer o maior cuidado, que a mãe deve olhar pelos seus filhos, é sempre e talvez mais ainda, quando eles vão crescendo e se vão desenvolvendo, as suas inteligências se vão abrindo à vida e a sua compreensão vai abrangendo tudo o que há de bom e de mau neste mundo, sobretudo numa época como esta que vamos atravessando, que é sem dúvida duma moral de fim duma civilização.

É preciso o máximo cuidado na escolha da ama, a quem se entrega uma criança, na criada que ampara os seus primeiros passos, que a acompanha nos seus brinquedos, nas suas reuniões com outras crianças.

Mas há ainda para atender e muito mais a questão das professoras, a quem é tanto de uso nas famílias abastadas entregar as crianças, sobretudo as meninas.

Enquanto se trata de professoras nacionais é fácil averiguar a que família pertencem as senhoras, que se dedicam ao ensino, qual a sua moralidade, e educação, instrução e religião, nas famílias católicas, que não entregam seus filhos sem saber a quem o fazem.

Mas quando se quer que as meninas aprendam línguas, ainda o melhor meio é a professora estrangeira, que em pouco tempo as ensina à criança, que tem em geral uma grande facilidade em as aprender.

Mas aqui é que está a grande dificuldade, a que a mãe deve dar a maior atenção. A quem é que vai entregar as suas filhas?

São muitas para, inocentes, páginas em branco e que ilustrações lhes pode dar a estrangeira, que vem doutro país, de outros hábitos, que tem uma maneira diferente de ver as coisas e quem sabe de uma moral também muito diversa da da família onde vai desempenhar um tão importante e sério papel.

Não há muito tempo que entrando numa casa de chá, notei numa mesa, uma menina de aspecto modesto ainda que elegante, vendo-se que pertencia a uma família abastada, mas recatada na sua apresentação. Acompanhava-a uma mulher extremamente pintada, vestindo espolhafosamente, fumando. Achei tão estranha a companhia da menina, que observando sempre o



PÁGINA S FEMININAS

que casa que funda um lar, que cria uma família tem de se conhecer, que assume perante Deus e perante a sociedade uma altíssima responsabilidade.

A fortuna se a tem não a desobriga dos seus deveres, nem lhe altera as suas responsabilidades que são imensas. É natural que se rodeie de quem a auxilie, mas nunca de quem a substitua.

Os filhos são o seu melhor tesouro, e, como um aventureiro vigia as suas riquezas, ela deve vigiar aqueles a quem deu o ser.

Maria de Eça.

A Moda

A primavera não nos trouxe ainda as galas das suas flores e a verdura das árvores, o trinar dos pássaros, as lindas manhãs de céu azul e transparente, mas a moda previdente e cautelosa já lançou os seus ditames, através de todo o mundo e os leves vestidos já fizeram a sua aparição, e os chapéus floridos, que aparecem com entusiasmo, já adornam as preciosas cabeças das elegantes, que adivinhavam a moda.

Dum momento para o outro o tempo muda e as previdentes aparecerão com todos os seus encantos realçados, pelos frescos vestidos e pelos floridos chapéus.

O triunfo é sempre de quem primeiro apresenta as novidades e de quem com mais garbo as usa e, por isso todas as senhoras esperam ansiosas as primeiras indicações de Paris, a cidade rainha da moda.

Damos hoje vários modelos que devem agradar às mais exigentes das elegantes.

As viagens aproximam-se e por isso é preciso ter uma «toilette» preparada para as digressões, que o bom tempo tanto faz apeteecer.

Um vestido de saia e casaco é sempre o mais indicado e damos hoje um lindo modelo num tecido de lã esponjoso e leve, que admiravelmente se adapta a este género de vestidos: uma graciosa fivela aperta o cinto. O vestido é do tom café com leite, sapatos e chapéu em antlope castanho tornam o conjunto elegantíssimo. Um casaco «trois quarts» em grossa fazenda castanha, «doublet beije» claro faz com que nada haja a recuar das surpresas do tempo, sempre a atender para quem viaja.

Para o género simples, um vestido em «crêpe de chine» branco, guarnecido com botões azuis escuros e brancos, uma fivela azul escura fecha o cinto e uma «écharpe» azul escura, branca e azul claro enrola-se graciosamente no pescoço. Chapéu em palha branca com uma fita azul escura.

Como chapéu de primavera nada mais novo e gracioso do que este toque em folhas de rosa, em grosso setim com algumas folhas em veludo; dos lados as rosas completas dão a maior frescura a este chapéu que um leve véu guarnece dum lado, flutuando sobre o cabelo.

A mulher elegante é chic! preocupando-se tanto com a sua roupa íntima como com os seus vestidos.

A roupa da mulher elegante é hoje dum requinte extraordinário e tem de ser adequado ao género de vestido com que é usada, naturalmente. Os vestidos cortados a jeito e modelando o busto exigem combinações com o mesmo corte. As rendas e os fios trabalhos de agulha, bordado a branco, bordado inglês, pontos e fios tirados, tornam as peças de roupa verdadeiras obras primas.

Damos um lindíssimo modelo de «deshabillé» em setim cor de rosa muito flexível, guarnecido de lindíssimas rendas, que formam a mais leve e rica guarnição.

Este «deshabillé» está indicado para as noivas, e é dum elegância e distinção, que sendo rico o tornam leve e interessante, sem pretensões de deslumbrar como certos «deshabillés» das «stars» de Hollywood.

As «lingères» mais em voga em Paris são Suzanne Joly, Olga Witrowe e Irenne Marguerite.

As suas novidades para a nova estação são deslumbrantes, e, é natural que sejam a tentação da mulher elegante e que sabe vestir.

Higiene e beleza

A beleza da mulher para ser completa e perfeita tem de ser devidamente cuidada e esse tratamento deve ser para todo o corpo e não só para a cara e para as mãos, que estão à vista.

Os pés exigem o maior cuidado e não basta que os pés sejam bonitos quando estão calçados com um bom par de sapatos. Nós devemos ter a mesma beleza. Para conseguir isso tem de fazer-se ginástica como para o resto do corpo.

É preciso exercitar os músculos para que não tenham gordura inútil, devem fazer-se os seguintes movimentos: 1.º elevar o corpo lentamente nas pontas dos pés, com as mãos nas ancas, e, aspirando pelo nariz, ao descer expirar pela boca; este exercício faz-se dez vezes. 2.º cinco vezes a volta ao quarto, andando nas pontas dos pés, 3 vezes a mesma volta sobre os calcanhares.

Em seguida sentando-se e com a perna apoiada num tamborete imprimir ao tornozelo um movimento de rotação, primeiro pela direita e depois pela esquerda. Isto vinte vezes em seguida untar os pés com o seguinte preparado: Timol, 1 grama; Essência de thim, 4 grammas; Essência de alfazema, 5 grammas; Gordura de boi, branca, 100 grammas. É nunca usar calçado curto ou apertado.

As cabeleiras femininas

ESTAMOS num verdadeiro período de transição no penteado feminino e consultando os grandes cabeleceiros parisienses estes asseguram a volta dos cabelos compridos. A era dos cabelos curtos está no seu fim.

Já se vêem muitos cabelos compridos e o difícil é atravessar o crescimento do cabelo. «Voltaremos aos postigos», declara um dos artistas que é pelos cabelos longos e sedosos. A cidade de Bordeaux ocupava antigamente no trabalho de cabelos centenas de operários especializados e fornecia desta mercadoria à Inglaterra, a Holanda, a Alemanha e a América.

O trabalho em cabelos é extremamente complicado e não se pode imaginar quantas operações requer, que se faziam em vários pontos, como nos Pirinéus e no Languedoc, onde os operários desde crianças se adestravam nesse trabalho. E há ainda os centros que forneciam a delicada matéria prima e entre eles os conventos, que vendiam a favor dos pobres, os cabelos das raparigas que se dedicavam a Deus.

Agora há-de ser difícil encontrar no mundo mercados de cabelos, tal foi a fúria feminina em os cortar e terem de recorrer a cabelos artificiais como as bonecas.

A longevidade

O problema da longevidade interessa todos; mesmo aqueles, que barafustando contra as misérias deste baixo mundo, aspiram a abandoná-lo o mais tarde possível.

Como conseguir essa aspiração? É difícil responder. Não sómente não há regra para garantir uma longa vida, e cada pessoa que vive muito demonstra a impossibilidade de estabelecer normas precisas.

A abstinência, a frugalidade, a mesa pobre não são sempre garantias de longa vida. Há centenários nos cartuchos e há-ões nos apreciadores de bons bocados e até nos pecadores de gula.

Uma prova do que aqui dizemos é-nos dada por uma sessão da Academia Francesa de Agricultura, onde se fez esta explicação explícita que o vinho é um notável coeficiente de longa vida. Uma estatística redigida pelo próprio presidente da Academia o sr. Alquier estabeleceu num longo e douto estudo sobre o valor biológico e nutritivo de todos os alimentos, que nos países vinícolas a longevidade é frequentíssima: No Médoc trinta por cento dos habitantes vai além dos setenta anos e destes um terço chega aos oitenta e um décimo chega aos noventa

e treze são os centenários. Que deliciosa esperança esta para os portugueses, filhos dum país essencialmente vinícola.

Uma religiosa poetisa

EN Gondershem, próximo de Brunswig celebrou-se há seis anos o miléssimo aniversário do nascimento da poetisa Raswitka, que abriu um caminho florido aos «Mestres cantores», quer dizer aos primeiros trovadores e mestres.

Pertencia a uma ordem religiosa, mas no seu convento divertia-se debaixo dum carcamanchão de verdura, a compôr e escrever em latim a narrativa fantástica da vida do imperador Oto I vencedor das Seitas e dos Hungaros e que se tinha dado o título de protector das letras.

Depois d'este livro de história Raswitka recolheu lendas e canções da «Tavola Redonda». Ao falar Rothkar, que lhe pedia que escrevesse na lingua de Ulphinus o primeiro grâmático de então, respondeu: «Leio Terêncio e procuro imitar os seus poemas».

Nascida em Brunswig em 930, a poetisa morreu em 1002. As suas obras só foram publicadas em 1707 em Wittenberg por intermédio do



até que esteja com uma pomada; juntam-se-lhe 60 gramas de açúcar em pó e uma colher de açúcar com baunilha; trabalha-se vigorosamente esta mistura, até ficar branca. Depois juntam-se-lhe seis gemas de ovo, um após outro e sempre mexendo, 125 gramas de chocolate derretido num pouco de água (para facilitar a mistura deitar no chocolate algumas colheres da primeira composição), 40 gramas de farinha e 40 gramas de fécula de batata, e, por último, 4 claras batidas em neve.

Barra-se uma fôrma com manteiga ou açúcar em ponto e deita-se dentro a massa do pudim, que deve coser em banho-maria. Logo que o pudim esteja cozido, deixa-se repousar durante 10 minutos, antes de o desenformar. Deita-se num prato e guarnece-se com crême de ovos e leite ou crême de chocolate.

De mulher para mulher

Adília: Acho ainda muito cedo para pensar em vilegiatura, mas se o seu marido já pensa nisso, acho que deve pôr-se de acordo com a vontade dele. A sua declaração de que em praia não resistirá ao «maillo» e ao banho de sol, faz-me aconselhá-la a que desista de praia. Não posso deixar de dar toda a razão ao seu marido de não gostar de a ver em pública exposição, isso só demonstra que a estima e considera.

Bluette: Um vestido preto de seda ficar-lhe-á muito bem. Alegre-o com branco, o branco e preto é sempre belo. Os sapatos em antlope usam-se muito e são sempre elegantes.

Zola: Sim, tem razão, é tristíssimo o que se passa, mas aceite com resignação essa cruz, que tanta mulher carrega, ocupe-se dos seus filhos e como diz que éle tem bom coração, espere que se modifique perante a sua atitude correcta e digna.

Et voilà... Tenha juízo porque aos vinte e move anos é muito boa idade de o ter; deixe-se de ser moderna no sentido em que emprega essa palavra e seja séria.

Pensamento

A mulher é sempre atraente quando é esportuosa com simplicidade.



Dr. Selmsgleish. Há nelas toda a sensibilidade e fantasia que se encontram nas obras das cantoras do final da época romana e gótica.

Receitas de cosinha

Pudim de chocolate: Amassam-se até ao seu amolecimento, 125 gramas de manteiga; deitam-se numa terrina ou tigel, que tenha água quente e bem limpa; bate-se com uma colher de pau

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 47

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DAMA NEGRA
N.º 1

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO
N.º 18

OUTRAS DISTINÇÕES
N.º 8, Veiga; n.º 13, Bisnau.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávol, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 18.—Salustiano, 16.—Rei-Luso, 16.—Só-Na-Fer, 16.—Só Lemos, 15.—Sonhador, 15.—João Tavares Pereira, 15.—Lamas & Silva, 14.—Salustiano, 14

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9.—Lisbon Syl, 7.—Aldeão, 7.

DECIFRAÇÕES

1 — *Fasto-losa-fastosa*. 2 — Cora-ração-coração. 3 — Mata-tacão-matação. 4 — Figa-garo-figaro. 5 — Esmola. 6 — Tudo-nada. 7 — Popular. 8 — Dormente. 9 — Paulista-pauta. 10 — Tendeiro-tenro. 11 — Antojão-anjo. 12 — Xixi. (XIXI). 13 — Remido. 14 — Carrasco-a-ão. 15 — Canada. 16 — Lena. 17 — Parcamente. 18 — Filogino. 19 — Formoso e alcivoso.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

- 1) *Dirigi todos os passeios sem rodeios*. (2-2) 3, Lisboa *Rei Yax*
- 2) Do antigo *passal parte* está em ruínas. 2-2 (3). Lisboa *Silva Lima (T. E.)*

NOVÍSSIMAS

- 3) *A magistratura* estava vestida de luto, por ordem do magistrado judicial. 2-1. Lisboa *Caçador*
- 4) Não me levas *vantagem* com a tua *bazófia*... 1-1. Tomar *Mar Said*
- 5) Quantos perigos a gente *atravessa* e quanta *pena* nos faz o tempo decorrido! 2-1. Lisboa *Rds Kassa*
- 6) A *aspiração* de «um» leigo em charadas é ser *cobizoso*. 3-1. Luanda *Ti-Beado*

(*Muita parra e pouca uva...*)

- 7) Isto de *Comissão* dos Treze, Pacto de Locarno, «*Entendimento*» franco-

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 56

-britânico, etc., etc... «*também*» já deu o que tinha a dar... 2-2.

- Lisboa *Vidalegre*
8) O *feitizo aqui?* Ó *que decepção!* 2-1. Coimbra *Vir Invictus (C. C. C.—L. A. C.)*

SINCOPADAS

- 9) Só com o teu *chôro* aumentaram as *águas* de volume... 3-2. Lisboa *D. Pepita*
- 10) Que *suavidade* e encanto tem o teu nome, «*mulher!*» 3-2. Coimbra *José Tavares*
- 11) Que *engraçado* é ter alguém *muito amigo!* 3-2. Lisboa *Moreninha*
- 12) A *mulher de mau porte* tem boa *alimentação*. 3-2. Lisboa *Silva Lima (T. E.)*
- 13) O *grito da rã* é *incompleto*. 3-2. Luanda *Ti-Beado*
(*Á minha querida L...*)
- 14) Fica então *determinado*: o nosso amor será *constante*. 3-2. Lisboa *Veiga*
- 15) A verdadeira *sinceridade* só se vê num *estro poético*. 3-2. Coimbra *Vir Invictus (C. C. C.—L. A. C.)*

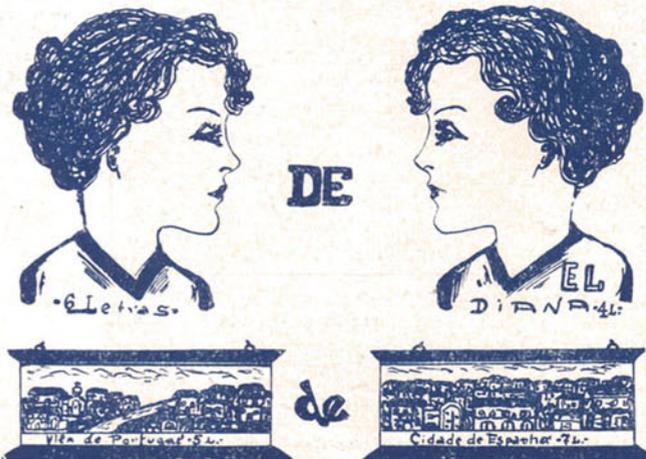
TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

- 16) Tenho cinco letras somente, E três delas são vogais, Retendo-as tôdas na mente Um nome de homem achais.
Depois da última tirada, Vemos então aparecer Porção de água estagnada, Imprópria para beber.
Mas vós não deveis psmar Quando depois de se tirar A outra que se lhe segue

TRABALHOS DESENHADOS

23) ENIGMA FIGURADO



Silva Pôrto

Efonsa

Virdes surgir um cajo
Direito a vós, desvirado,
Mas não vos mata sossegue...

Coimbra
Vir Invictus (C. C. C.—L. A. C.)

LOGOGRIFO

- 17) *Despido*, nu, de verdes isolado, — 2-5-6-9-11
O *campo* tinha aspecto moribundo. — 1-4-2-8-1

Em *pedra* negra, bordo calcinado — 7-1-9-10-3
Que *muito aquece*, com calor profundo, — 8-6-10-11-1
Cabeça posta, dorme, de mansinho — 7-3-12-4-13
E sem morrer, um pobre *rapazinho*. — Lisboa *Silva Lima (T. E.)*

MEFISTOFÉLICAS

- 18) Um *namôro* hei de arranjar
Com o vizinho do lado,
Cuja *afeição*, se pegar,
O tornará *afamado*. (2-2) 3. Lisboa *Miss Diabo*
- 19) Vou *deixar* o meu amor
Pelo seu *comportamento*,
E p'ra não morrer de dor
Hei-de arranjar com calor
Um novo *divertimento*. (2-2) 3. Lisboa *Repórter Fatal*

NOVÍSSIMAS

...e Portugal possui muitos milhões de milhas quadradas do território africano. Todos estes pequenos países possuem vastos territórios, enquanto que a Alemanha não possui nenhum...
Lloyd George.

...súbdito de uma nação que detém quatro quartos quintos do ex-império alemão...
(Do *Jornal do Comercio e das Colónias*.)

- 20) Aquele amigo nosso... e de Peniche Que há tempo a invernar aqui tivemos, Pagou agora, amigo honrado e «fixe», Os muitos tagatés que lhe fizemos...

Disse, e *ainda* soa o caloroso espiche, — 1
Que são demais as possessões que temos!
(Como evitar que a azeda bile esguiche?)
As que nos restam e outras que... perdemos,

Tôda a raça lusa conquistou
E descobriu. Bem sabe a Grã-Bretanha
A quantos essa glória aproveitou...

Pequena esta *Nação!* E foi tamanha — 2
Que em todo o Mundo a sombra projectou!
Que o saiba o *grande* amigo da Alemanha!

Lisboa *Sileno*

SINCOPADAS

(*Á ilustre autora da sincopada n.º 20 inserta na «Ilustração n.º 238»*)

- 21) Quem dera que «*Deus*» ouvisse
O vosso humano almejar;
Que a vida em terna ledice
Vos corresse sem cessar!

Quem dera que a ajudasse
Esse Deus que só faz bem!
— Talvez *então* lhe agradasse
A minha *côrte* também...

Silva Pôrto-Bié *Efonsa*

- 22) É *perigoso* o amor,
Esse tormento divino,
Que é *grande* mesmo se fôr
Dum coração pequenino. — 3-2.

Tramagal *Padre Matos*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

Novo ministro da Checo-Eslováquia



O sr. dr. Robert Flieder, novo ministro da Checo-Eslováquia em Lisboa, entregou no dia 4 do corrente ao Presidente da República as suas credenciais. A cerimónia decorreu conforme os usos, tendo os discursos que se trocaram sido marcados por um vivo tom de afectuosidade. Na tarde do mesmo dia, o diplomata colocou na base do monumento aos Mortos da Grande Guerra um ramo de flores. Estavam presentes representantes das autoridades e da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Na gravura acima vê-se o dr. Robert Flieder (à direita) com o pessoal do protocolo.

A festa dos Vendedores de Jornais

No Coliseu dos Recreios realizou-se no dia 5 deste mês, com invulgar concorrência de espectadores, o festival a favor da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais. Representou-se a revista «Última Maravilha» e exibiram-se números de variedades que obtiveram extraordinário êxito. Os Vendedores exibiram o seu rancho de Estarreja que foi muito aplaudido. Daniel Martins com as suas imitações foi o acontecimento da noite. O público exigiu o prolongamento do seu número aplaudindo-o sem descanso. Vieram depois os bailarinos Little's Mendes, a pequena e graciosa Laura Alves, em canções espanholas, e com Ivone Nozueira no «Fado» à história. Emília Can-



deias cantou o fado com sentimento e Carmencita Aubert exibiu alguns números do seu repertório. Por fim, Nascimento Fernandes, Mirita Casimiro e Beatriz Costa apresentaram as suas últimas criações. As gravuras que aqui damos representam, em cima à direita, o Rancho de Estarreja, e à esquerda Beatriz Costa em «O rapaz dos cágados» com um grupo de «ardinas».

A organização do espectáculo que foi admirável esteve a cargo do conhecido comediógrafo Lino Ferreira. Os diversos números foram anunciados por Erico Braga e a orquestra Sousa Pinto abrilhantou o espectáculo, que se prolongou pela noite adiante.



Visita de estudo à Torre de Belém

O Núcleo de Propaganda Educativa «Novos de Portugal» promoveu no dia 29 do mês findo uma romagem patriótica à Torre de Belém. Presidiu à cerimónia o sr. coronel Cardoso dos Santos. Usaram da palavra diversos oradores, que evocaram algumas grandes figuras da nossa História. Na gravura acima vê-se um aspecto da visita.



Política externa de Portugal

O ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Armindo Monteiro, que representou o nosso país na reunião do Conselho da S. D. N. em Londres, regressou no dia 30 do mês findo a Lisboa, tendo sido acolhido com uma imponente manifestação em que se destacavam oficiais de terra e mar.

No dia 4 deste mês, o sr. dr. Armindo Monteiro convocou para o Palácio das Necessidades os representantes dos jornais diários de Lisboa e Porto e das agências de informação. Tinha essa recepção por fim informar a imprensa da posição do nosso país perante as graves questões internacionais que neste momento se debatem. Numa extensa exposição tornada pública pelos jornais, o ministro dos Negócios Estrangeiros fez o relato pormenorizado das consequências da remilitarização da Renânia no dia 7 do mês findo, e da posição assumida pelo nosso país perante essa delicada situação. A imprensa estrangeira reproduziu e comentou lisonjeiramente algumas passagens das declarações do dr. Armindo Monteiro, cuja intervenção em Genebra foi importante. Na gravura superior, a recepção aos jornalistas; na da esquerda a chegada do ministro.



A conclusão do Cruzeiro Aéreo às Colónias



VINDOS de Lourenço Marques chegaram no passado dia 2 a Lisboa, a bordo do paquete «Niassa» os aviadores que por motivos acidentais não puderam concluir por via aérea o Cruzeiro às Colónias. Eram eles os srs. coronel Cifka Duarte, chefe da missão, major Pinheiro Correia, comandante da segunda patrulha da esquadilha; capitães José Pimenta e Amado da Cunha, tenente Manuel Gouveia e sargento mecânico Anibal.

Um rebocador conduziu a bordo do «Niassa» os srs. almirante Gago Coutinho, tenente-coronel Jorge de Castilho, capitães Gonzaga Pinto, adjunto da Inspeção de Aeronáutica, que representava o director da Arma, brigadeiro Silveira e Castro; Frederico Costa, comandante do Grupo de Aviação e Informação n.º 1; tenentes Humberto da Cruz e Temudo; aviador civil Reis Trincão, sargento-ajudante Santos, mecânico Santos, Artur Prata e a sr.ª D. Preciosa Pimenta, esposa do sr. capitão José Pimenta.

Depois de efusivos cumprimentos os aviadores desembarcaram, sendo aclamados pelo povo que acorreu ao cais.



Seis dias depois aterraram no aeródromo da Amadora, os aviadores srs. major Pinho da Cunha, capitães Baltazar e Cardoso e mecânicos Simões, Deniz e Ramos, que constituindo as tripulações dos três «Vicker's» regressaram á Metropole por via aerea, depois de terem percorrido 30.000 quilómetros.

Entre as muitas pessoas que compareceram naquelle campo de aviação, figuraram os srs. ministro da Guerra, almirante Gago Coutinho, generais Hamílcar Pinto e Malheiro; brigadeiros Silveira e Castro, director da Aeronautica Militar; Penalva da Rocha, comandante da Frente

Maritima; coronéis Cifka Duarte, inspector da Aeronautica, e Bento Roma.

A Aviação Naval estava representada pelos srs. comandantes José Cabral, Gomes Namorado, Paulo Viana e tenentes Sanches, Nogueira, Trindade e Barata.

Numa sala da «mess» dos officiaes foi em seguida oferecido um «Pôrto de Honra» aos componentes da patrulha, que decorreu num ambiente de fraternal camaradagem.

Trocaram-se amistosos brindes, apresentando o sr. capitão Frederico Costa, 2.º comandante da unidade, os cumprimentos de boas vindas aos aviadores em nome dos officiaes do Grupo de Aviação e Informação n.º 1.

Assim terminou a prova difficil e arriscada que foi o Cruzeiro Aéreo às Colónias. Os seus resultados podem considerar-se lisonjeiros para a aeronáutica portuguesa e sobretudo para os seus pilotos e mecânicos.

As nossas gravuras representam em cima aspectos da chegada do «Niassa» á esquerda e da patrulha do major Pinto da Cunha á direita. Por baixo, os aviões, no momento de aterrarem na Amadora.

Passagem em Lisboa duma excursão francesa



A bordo do navio francês «Champlain» passaram no dia 7 deste mês em Lisboa numerosas individualidades que realizam uma excursão por Portugal, Espanha, Marrocos, Açores, Madeira e Canárias. Entre os excursionistas figuravam algumas dezenas de médicos, alguns deles, professores iminentes da Universidade de Paris e Bordeus, que foram recebidos pelos seus colegas portugueses. Depois dum passeio aos Estoris e Sintra, realizou-se á noite a bordo do «Cham-

plain», e sob a presidência do seu comandante, M. Silvestre, um jantar oferecido pelos clinicos franceses a um escolhido grupo de professores da Faculdade de Medicina de Lisboa, entre outros os professores drs. Celestino da Costa, Sobral Cid, Costa Sacadura, Augusto Monjardino, Egas Moniz, Reinaldo dos Santos, Lopo de Carvalho, etc. O sr. ministro da França e pessoal da legação pertenciam também ao número dos convivas.

A bordo do «Champlain» vinha ainda mem-

bras da «Association dos Mutillés et Anciens Combatants» a quem os antigos combatentes portugueses dispensaram uma carinhosa recepção. Os visitantes estiveram no Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde depuseram uma palma de bronze.

As gravuras mostram: á esquerda o sr. ministro da França com os dirigentes da excursão; á direita, os combatentes franceses ao desembarcarem em Lisboa com o seu estandarte.

Actualidades internacionais



O entêrrro de Venizelos

A Grécia tributou ao seu ilustre estadista Venizelos uma digna homenagem, de respeito e saudade. Satisfazendo a vontade do falecido, o seu corpo foi sepultado na ilha de Creta. A inhumação realizou-se em Akrotiri, a dez quilómetros de Canea. Sobre a urna foi derramada terra vinda de todas as regiões da Grécia. A gravura acima representa um aspecto do cortejo funebre.

Luta desigual

NUMA feira que se realiza próximo de Bucarest exhibe-se agora um lutador que trava luta com um grande urso negro. Apesar da grande superioridade do animal em força e peso, é sempre o homem que vence, conseguindo lançar por terra o seu adversário.

«Cross-country» difícil

Os estudantes do Colégio de Bradfield disputam todos os anos um «cross country» ericado das mais imprevisíveis dificuldades, o que lhe dá poderoso interesse. Figura entre os obstáculos a travessia duma torrente muito rápida, como se vê na gravura abaixo.

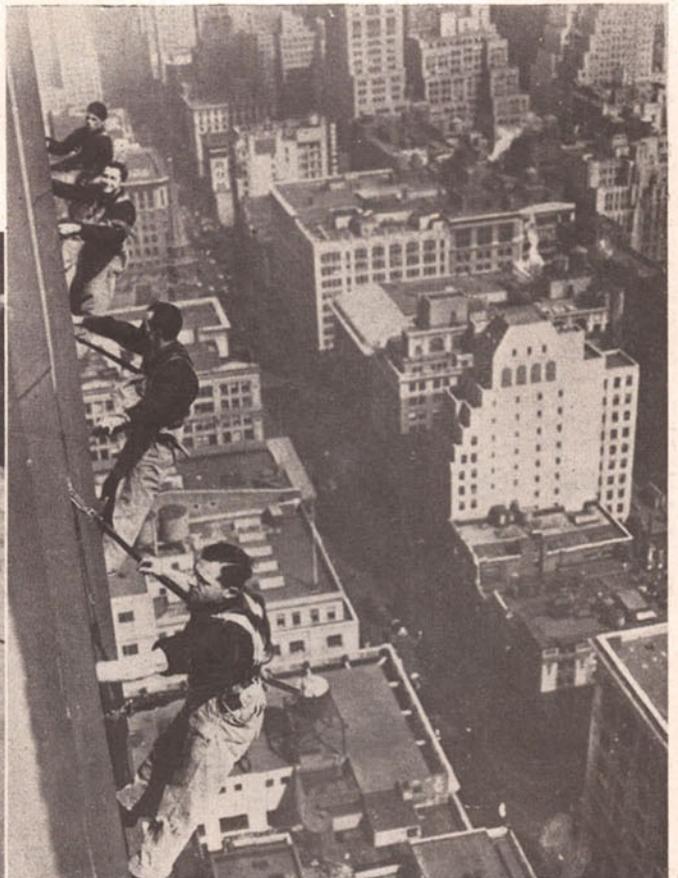


O serviço militar na Austria

O serviço militar obrigatório acaba de ser restabelecido na Austria com violação das cláusulas do Tratado de Saint Germain. O facto, que produziu considerável comoção na Europa, veio contribuir para aumentar a tensão internacional e deu origem a um protesto da Pequena Entente. A fotografia acima representa o chanceler Schuschnigg anunciando a nova lei.

Uma profissão arriscada

NINGUÉM contestará que a profissão de lavador de vidros nos «arranha-céus» de Nova York não seja uma profissão que exige considerável dose de coragem. A gravura abaixo representa uma equipa deles, suspensa por delgadas correias, num dos andares superiores dum gigantesco edificio.

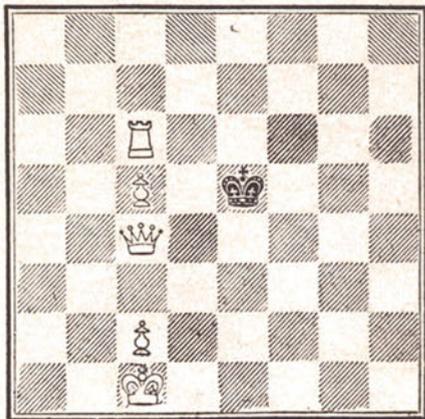


Xadrez

(Problema por Lotze)

Brancas 5

Pretas 1



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —

Copas — A. D.

Ouros — R. 5, 2.

Paus — 6, 4, 3.

Espadas — — — — N Espadas — 4.
 Copas — 9. O E Copas — R. V. 10, 4.
 Ouros — 10, 8, 7, 6. Ouros — D. V. 9.
 Paus — R. D. 10. S Paus — — — —

Espadas — 6, 3, 2.

Copas — 5, 3.

Ouros — A. 4, 3.

Paus — — — —

Trunfo é espadas. S joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga Az de paus, O 3 de paus, N 5 de ouros, E 5 de paus.

S joga Az de ouros, O 6 de ouros, N 10 de ouros, E 2 de ouros.

S joga 8 de espadas, O uma espada, N Dama de espadas, E 3 de ouros.

N joga Dama de copas, E 4 de copas, S 2 de paus, O uma espada ou paus.

N joga 10 de copas, E 7 de copas, S 7 de paus, O uma espada ou paus.

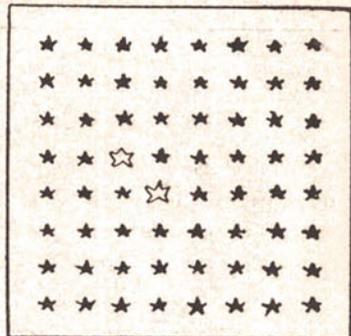


Muito aborrecida devia ser a vida nos escritórios, antes de inventarem as dactilógrafas, não é verdade?

(Do Humorist)

As estrêlas brancas

(Problema)



Ponham a ponta do lápis numa das duas estrêlas brancas e, sem o levantarem de cima do papel, passem por tôdas as 62 estrêlas pretas, traçando quatorze linhas rectas, e terminando na segunda estrêla branca. As linhas que traçarem podem seguir a direcção que quizerem, mas cada mudança de direcção deve efectuar-se sobre uma estrêla, não sendo defezo passar sobre a mesma estrêla mais duma vez.

Vêr-se-há que é muito fácil resolver a questão pelo traçado de dezasseis rectas e também se poderá consegui-lo, com relativa facilidade, pelo traçado de quinze. Mas o que se pretende é que ela se resolva pelo traçado de catorze.

Automotora de vidro

A direcção de Munich, da Reichsbahn pôz, há meses, em serviço uma automotora, de género absolutamente novo, na linha de Berchtesgaden. A fim de que os viajantes possam admirar a paisagem à sua vontade e desfrutar o golpe de vista mais vasto possível da região que vão atravessando, as paredes da dita automotora foram construídas de vidro inquebrável.

Êste «comboio de vidro» contém sessenta e quatro lugares sentados de terceira classe, estofados e cujos espaldares se podem virar de modo, que o passageiro tanto se pode sentar no sentido do andamento como em sentido contrário.

Combate de grilos

Descobriram os chins que os inséctos têm paixões susceptíveis de serem excitadas e que podem ser irritados por ofensas mutuas a ponto de armarem brigas, que naturalmente nunca trariam. Dêste facto se aproveitam para, por via dêles, se divertirem dum modo barbaro, e que está em harmonia com os combates dos galos em Inglaterra, ou com o dos touros em Portugal, Espanha e Itália. Para fazerem pelear dois grilos machos, os chins metem-os em uma espécie de tijela de barro de seis ou oito polegadas de diâmetro. Cada um dos donos dos dois grilos bole no seu com uma pena, o que os faz dar diferentes voltas ao redor da tijela, encontrando-se e empurrando-se ao passarem um pelo outro. Depois de terem tido vários encontros por êste modo, exasperam-se, por fim, e brigam até se despedaçarem mutuamente. Costumam também, os chins irritar a tal ponto duas codornizes que chegam a combater uma com a outra desesperadamente.

O galo é um dos emblemas da França. Adornou, sob a Revolução, as bandeiras francêsas; desapareceu sob o Império, reapareceu em 1830 e foi novamente suprimido por Napoleão III.



EM TODOS OS SEUS
DETALHES OS NOVOS MO-
DELOS «BUICK» DE 1936 E
VERIFICARÁ UMA ENORME
SUPERIORIDADE SOBRE TO-
DOS OS OUTROS AUTOMÓ-
VEIS DE TODAS AS OUTRAS
MARCAS.

DINIZ M. D'ALMEIDA
AVENIDA DA LIBERDADE
214 A 218 - LISBOA

ACABA DE APARECER A

7.^a edição

11.^o milhar

Leonor Teles

“FLOR DE ALTURA”

POR

Antero de Figueiredo

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 434 págs., broc., **Esc. 12\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 14\$00**



PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Excursões a preços reduzidos ao Triangulo de Turismo e ao Estoril com refeições nos hotéis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diariamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almoço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro { 1.^a Classe..... 48\$00
2.^a Classe..... 42\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço e jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe..... 45\$00
2.^a Classe..... 39\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço ou jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe..... 30\$00
2.^a Classe..... 25\$00

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

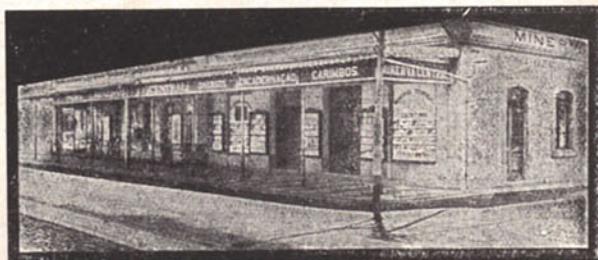
Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO “GUEDES”
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**



DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**

pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Encontra-se à venda a 5.^a edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913
e aprovada para prêmios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de **ALBERTO DE SOUSA**

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12\$50** — Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
..... — (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	14\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

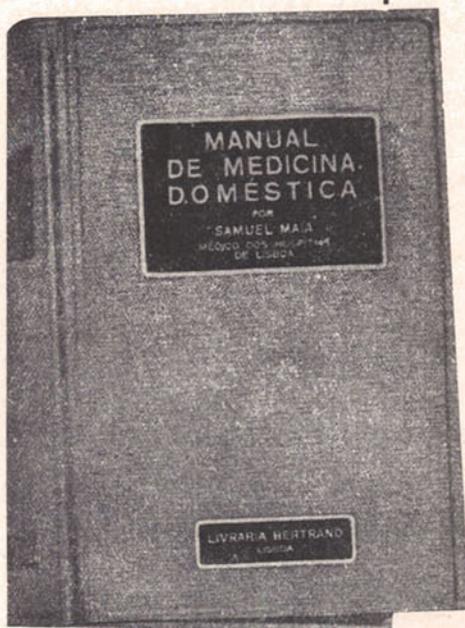
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. **O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes**



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA